



Tensões mediterrâneas culturais no Egito Romano à Luz do Λόγος Τέλειος (III AD)

Tensions culturals mediterrànies a l'Egipte romà a la llum del Λόγος Τέλειος (III AD)

Tensiones culturales mediterráneas en el Egipto romano a la luz del Λόγος Τέλειος (III AD)

Mediterranean Cultural Tensions in Roman Egypt in light of the Λόγος Τέλειος (III AD)

David Pessoa de LIRA¹

Abstract: The Mediterranean in the Ancient Age was a space of conflicts, exchanges, encounters, interactions and disagreements. This article examines the cultural tensions between native Egyptians (ἡϣῃⲙⲛⲕⲙⲉ [enremenkēme]) and the settlers of the metropolitan *nomos* in Roman Egypt, known as ἄλλόφυλοι or ναλλοφύλος [n.allophylos], from a historical-literary and cultural perspective. The study focuses on the predictions of the Λόγος Τέλειος, corresponding to *Asclepius* 24 in its Latin version and ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ (Nag Hammadi VI.8 [70.3-71.29]) in its Coptic version, with particular emphasis on sociocultural interaction in Roman Egypt.

Keywords: Λόγος Τέλειος – *Asclepius Latinus* – ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ – Hermetic Literature – Sociopolitical and socioreligious tensions – ἄλλόφυλοι – Native Egyptians.

Resumen: El Mediterráneo en la Edad Antigua fue un espacio de conflictos, intercambios, encuentros, interacciones y desacuerdos. Este artículo examina las tensiones culturales entre los egipcios nativos (ἡϣῃⲙⲛⲕⲙⲉ [enremenkēme]) y los colonos del *nomos* metropolitano en el Egipto romano, conocidos como ἄλλόφυλοι o ναλλοφύλος [n.allophylos], desde una perspectiva histórico-literaria y cultural. El estudio se centra en las predicciones del Λόγος Τέλειος, correspondientes a *Asclepio* 24 en su versión latina y ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ (Nag Hammadi VI.8 [70.3-71.29]) en su versión copta, con un énfasis particular en la interacción sociocultural en el Egipto romano.

¹ Professor Doutor da Área de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras da [Universidade Federal de Pernambuco \(UFPE\)](#), docente permanente do [PPG Letras](#) da [UFPE](#). Pesquisador em Estágio de Pós-Doutorado (04/2024-04/2025) no [Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários](#) (Pós-Lit.) da FALE/ UFMG. E-mail: lyrides@hotmail.com.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Palabras-clave: Λόγος Τέλειος – *Asclepius Latinus* – ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ – Literatura Hermética – Tensiones sociopolíticas y socioreligiosas – ἀλλόφυλοι – Egipcios nativos.

ENVIADO: 12.03.2025

ACEPTADO: 21.04.2025

Introdução

[...] An ignoras, o Asclepi, quod Aegyptus imago sit caeli aut, quod est uerius, translatio aut descensio omnium, quae gubernantur atque exercentur in caelo? Et si dicendum est uerius, terra nostra mundi totius est templum.

Et tamen, quoniam praescire cuncta prudentes decet, istud uos ignorare fas non est: futurum tempus est, cum adpareat Aegyptios incassum pia mente diuinitatem sedula religione seruasse; et omnis eorum sancta ueneratio in inritum casura frustrabitur. E terris enim et ad caelum recursura diuinitas linqueturque Aegyptus terraque, sedes religionum quae fuit, uiduata numinum praesentia destituetur. Alienigenis enim regionem istam terramque conplentibus non solum neglectus religionum, sed, quod est durius, quasi de legibus a religione, pietate, cultuque diuino statuatur praescripta poena prohibitio. Tunc terra ista sanctissima, sedes delubrorum atque templorum, sepulcrorum erit mortuorumque plenissima. O Aegypte, Aegypte, religionum tuarum solae supererunt fabulae eaeque incredibiles posteris tuis solaque supererunt uerba lapidibus incisa tua pia facta narrantibus et inhabitabit Aegyptum Scythes aut Indus aut aliquis talis, id est uicina barbaria. Diuinitas enim repetit caelum, deserti homines toti morientur atque ita Aegyptus deo et homine uiduata deseretur. Te uero appello, sanctissimum flumen, tibi que futura praedico: torrenti sanguine plenus adusque ripas erumpes undaeque diuinae non solum polluentur sanguine, sed totae rumpentur et uiuis multo maior numerus erit sepulcrorum; superstes uero qui foret, lingua sola cognoscetur Aegyptius, actibus uero uidebitur alienus (*Asclepius* 24).²

² HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. Paris: Les Belles Lettres, 2011, t. 2, p. 326-328.

[...] Porventura tu ignoras, ó Asclépio, que o Egito seja uma imagem do céu, ou, o que é mais verdadeiro, uma translação ou descenso de todas as coisas que são governadas e exercidas no céu? E, se deve ser dito mais verdadeiramente, nossa terra é o templo de todo o mundo. E, todavia, já que convém aos prudentes preverem todas as coisas, não é permitido a vós ignorar isso: existirá um tempo que há de ser quando parecer que os egípcios serviram inutilmente a divindade por uma pia mente e por uma zelosa religião; e toda santa veneração dessas coisas, havendo de perecer em nulo



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Há apenas fragmentos gregos preservados do *Λόγος Τέλειος*, correspondentes a algumas partes do *Asclepius* (*Ascl.*) — especificamente os trechos 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39 e 41 — que sobreviveram em obras de autores cristãos e não cristãos. Outras partes desse texto são encontradas em língua copta, como *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (*Nag Hammadi* VI.8 = *Ascl.* 21-29) e *παῖ πε πωληλ ν̄ταχσοϣ* (*NH* VI.7 = 41).³ O apologeta cristão Lactâncio (séc. III-IV E.C.) conhecia o texto do *Ascl.* em grego sob o título de *Λόγος Τέλειος* ou *Sermo*

(invalidamente), será frustrada. Pois, das terras para o céu, a divindade havendo de retornar, e a terra do Egito, sede das religiões que foi, viúva (privada) da presença das divindades, será destruída. Pois, os estrangeiros enchendo essa região e terra, não apenas a negligência das religiões será estabelecida, mas, o que é mais duro, como que por leis, a proibição sob pena prescrita da religião, piedade e culto divino. Então, esta santíssima terra, a sede de santuários e templos, estará pleníssima de sepulcros e de mortos. Ó Egito, Egito, as únicas histórias de suas religiões sobreviverão e essas serão incríveis para as tuas posteridades, e somente sobreviverão as palavras entalhadas em lápides que narram teus fatos pios, enquanto um cita ou um indiano ou algum semelhante, isto é, [povos] bárbaros vizinhos, habitará o Egito. Pois a divindade retornará ao céu, todos os homens desertados morrerão e, assim, o Egito, privado de Deus e do homem, será desertado. Mas eu te apelo, santíssimo rio, e predigo as coisas que haverão de ser a ti: pleno de corrente de sangue até as margens irromperás, e as águas divinas não somente serão poluídas pelo sangue, mas se romperão completamente, e haverá um número muito maior de sepulcros para os vivos. Mas aquele que for sobrevivente será conhecido apenas pela língua como egípcio, mas pelos atos parecerá um estrangeiro (tradução própria).

³ LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Introdução ao Hermetismo e ao Corpus Hermeticum*. Recife: Editora UFPE, 2015, p. 45, 49; ROCHETTE, Bruno. Un cas peu connu de traduction du grec en latin : l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 14 (2003), p. 68-70; MAHÉ Jean-Pierre. « Remarques d'un latiniste sur l'Asclepius copte de Nag Hammadi ». In: *Revue des Sciences Religieuses*, tome 48, fascicule 2 (1974), p. 136; DODD, C. H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge University Press, 2005, p. 11; HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*, op. cit., t. 2, p. 275-276.

Sobre o cotejamento e o grau de reconstrução, VAN DEN BROEK, Roelof. “Hermetic Literature I: Antiquity”. In: HANEGRAAFF, Wouter J. (ed.). *Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006, p. 493-494; FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton University Press, 1993, p. 10; LIRA, David Pessoa de. “O bilinguismo greco-romano na tradução latina do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ*: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*”. In: *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 31(1) (2018), p. 115-118; LIRA, David Pessoa de; VIANA, L. M. Q. “Os fragmentos herméticos gregos do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ*: tradução e análise comparativa com a versão latina do *Asclepius* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39”. In: *TRANSLATIO*, v. 21 (2021), p. 156-158.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Perfectus.⁴ Sendo assim, o texto grego do *apocalipse* do *Λόγος Τέλειος* se perdeu e há apenas as traduções supramencionadas.

Asclepius quoque auditor eius [sic Hermetis] eandem sententiam latius explicauit in illo sermone perfecto quem scripsit ad regem, uterque uero daemonas esse adfirmat inimicos et uexatores hominum quos ideo Trismegistus ἀγγέλους πονηροὺς appellat (*Div. Inst.* 2. 15.7-8).⁵

É bem verdade que o texto latino e o texto copta da predição do *Λόγος Τέλειος* apresentam diferenças importantes em seu tom, intenção e enfoque. O texto latino se apresenta de maneira mais profética, fatalista e lamentativo. O texto copta, por sua vez, tem um tom mais filosófico e menos apocalíptico.

Observando com atenção o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8 (70.3-71.29)), percebe-se que a predição é mais do que uma simples previsão escatológica ou apocalíptica. Ela é uma constatação de uma perda cultural por parte dos nativos egípcios frente aos gregos, aos romanos ou mesmo frente a qualquer supervalorização do povo bárbaro em detrimento dos egípcios. Aliás, qualquer bárbaro será melhor do que um egípcio no tocante à religiosidade. O texto é bem claro ao relatar a vanidade ou nulidade da própria religião egípcia, o domínio dos ἀλλόφυλοι [*allóphyloi*] (assentados) sobre o Egito, a proibição de adoração a Deus, a existência mítica posterior do Egito, a superioridade de qualquer bárbaro sobre o (homem) egípcio no que diz respeito à religiosidade.

Os egípcios, mortos, abandonarão o Egito, logo não haverá deuses. Em última análise, não se lamentará pelo morto tanto quanto se lamentará pelo vivo porque os egípcios

⁴ Sobre Lucius Cæ(c)ilius Firmianus Lactantius (Firmiano ou Lactâncio), sua obra e contexto, cf. CLARKE, Graeme. "Third-century Christianity". In: BOWMAN, Alan; CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge University Press, 2007, v. 12, cap. 18, p. 589ss, 666-668; CORBIER, Mireille. "Coinage and Taxation: The State's Point of View, A.D. 193-337". In: BOWMAN, Alan; CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge University Press, 2007, v. 12, cap. 12, p. 370ss.; LOI, V. "Lactâncio". In: DI BERARDINO, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 805-806; CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 182-183.

⁵ LACTANTIUS, L. Cælius Firmianus. *Divinarum institutionum libri septem*. Libri I et II. Ediderunt Eberhard Heck et Antonie Wlosok. Berlin; Boston: De Gruyter, 2005. Fasc. 1, p. 189.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

serão como vivos-mortos. Eles serão identificados apenas pela língua, mas perderão sua identidade cultural, seus costumes. Com isso, pode-se constatar que o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8 [70.3-71.29]) apresenta uma linguagem mais objetiva, direta e incisiva do que o *Asclepius Latinus* 24.

Além disso, a presença significativa de vocábulos greco-coptas, que compõem cerca de 20% do texto, ressalta o intenso intercâmbio cultural e linguístico com o grego. Termos como *ἄλλοφυλος* (do grego ἄλλοφυλος) revelam não apenas aspectos lexicais, mas também diferenças sociopolíticas e étnicas, contribuindo para a distinção entre grupos helenizados e outros considerados bárbaros ou estrangeiros. O conceito de interação social ou de uma sociedade intercultural entre a população nativa egípcia e os assentados greco-romanos ou helenizados no Egito romano é extremamente complexa e problemática. Do ponto de vista da sociolinguística da época, a diglossia era predominante entre egípcios, romanos e helenizados de forma geral.⁶

O tópico do presente artigo é a análise histórico-literária e cultural da tensão cultural entre nativos egípcios, isto é, os *νηῖνες* [nēnēnes], e os assentados das metrópoles (nomos) no Egito sob dominação romana, conhecidos como ἄλλοφυλοι ou *ἄλλοφυλος* [n.allophylos]. O artigo tem como escopo a predição do *Λόγος Τέλειος*, correspondente ao *Asclepius* 24 em latim e ao *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (Nag Hammadi (NH) VI.8 (70.3-71.29)) em copta.⁷ Delimita-se o tema deste estudo à interação sociocultural no Egito romano. No tocante às abordagens, qualquer pesquisador que tenha trabalhado

⁶ PRÉAUX, Claire. Graeco-Roman Egypt. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Claredon Press, 1971, p. 323-354; SHORE, A. F. Christian and Coptic Egypt. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Claredon Press, 1971, p. 390-433; FEWSTER, Penelope. "Bilingualism in Roman Egypt". In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002. 220-245; GASCOU, Jean. Les ἄλλοφυλοι. In: *Revue des Études Grecques*, 110 (2) (1997), p. 285-294.

⁷ Sobre o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta do Nag Hammadi (NH) VI.8 (70.3-71.29): HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie: Codex VI Nag Hammadi, Codex Clarkianus 11 Oxoniensis, Définitions Hermétiques, divers*. Textes édités et traduit par Jean-Pierre Mahé. Paris: Les Belles Lettres, 2019. t. 5, p. 162-167; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte: Le Fragment du Discours parfait et les Définitions Hermétiques Arméniennes*. Québec: Presses de l'Université Laval, 1982. t. 2, p. 168-177; NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI. Volume Editor Douglas M. Parrot. Leiden: E. J. Brill, 1978. v. 11, p. 416-425; LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, op. cit., p. 49-50.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

com a Literatura Hermética sabe que, embora a interdisciplinaridade seja uma abordagem possível, não é facilmente colocada em prática, uma vez que se discute os problemas com as evidências em maior ou menor grau. Neste caso, a falta de contextualização do material da Literatura Hermética é um problema considerável. Destarte, o presente artigo abordará de forma indutiva os textos, procedendo metodologicamente a uma análise histórico-literária e cultural.

No estudo acadêmico do Hermetismo, o foco predominante nos enfoques filosóficos e filológicos tem frequentemente obscurecido a compreensão desses modos de interação cultural. É fundamental analisar como essas dinâmicas se desenrolavam no mundo mediterrâneo antigo, com especial atenção ao papel do Egito nesse contexto. A língua, nesse sentido, sempre foi um elemento central na definição e distinção de identidades étnicas e nacionais. Não por acaso, encontramos evidências dessa interação linguística em traduções como a do *Asclepius* 24 e do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-71.29). A Literatura Hermética, portanto, deve ser entendida como um produto de equilíbrio profundo entre os elementos gregos e egípcios, garantindo, assim, sua forma autóctone e singular.⁸

I. Panorama dos §§ 24-26 do *Asclepius* latino e do NH VI.8 (70.3-74.32) do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta

As predições §§ 24-26 do *Asclepius* latino e do NH VI.8 (70.3-74.32) do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta⁹ são únicas em toda Literatura Hermética. Quanto à origem e natureza desse

⁸ FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes*, *op. cit.*, p. xiii, 19, 38, 74, 171; FEWSTER, Penelope. Bilingualism in Roman Egypt. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 244-245.

⁹ HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*, *op. cit.*, t. 2, p. 326-331; APULEI PLATONICI MADAURENSIS. *De Philosophia Libri*. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig B. G. Teubner, 1921. v. 3, p. 61-64; HERMETICA: *the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985, v. 1, p. 340-347.

Sobre o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta do Nag Hammadi (NH) VI.8 (70.3-71.29): HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie*, *op. cit.*, t. 5, p. 162-175; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 168-187; NAG HAMMADI *codices V, 2-5 and VI*, *op. cit.*, v. 11, p. 416-435; LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, *op. cit.*, p. 49-50.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

material, há divergência sobre a tradição. No entanto, parece mais evidente que a peça em questão está inserida em uma tradição egípcia nativa, *passim*, misturada com filosofias populares platonizantes e estoicizantes.¹⁰

Essas predições parecem ter sobrevivido por um longo período (grande parte dos períodos helenístico e romano), de maneira que seu quadro fora aparentemente modificado para acentuar os aspectos escatológicos e as antigas predições foram atualizadas e aplicadas a novas situações como profecias.¹¹ É bem verdade que um fragmento grego do *Asclepius* sobreviveu no papiro de Mimaut do séc. II E.C. O *Asclepius* como um todo deve ter sido composto no mais tardar até o séc. III E.C., mas semelhanças com perseguições legais cristãs contra os pagãos com esses textos podem induzir o leitor a conclusões apressadas sobre a época e o contexto. Se, por um lado, é possível que essas predições tenham sido, deveras, incorporadas ao texto latino do *Asclepius* no séc. IV E. C., por outro lado, não se pode negligenciar o fato de que o texto copta do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* já tenha as predições como parte constituinte. Em todo caso, o texto copta do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* é do séc. IV E. C.¹²

¹⁰ REITZENSTEIN R.; SCHAEDEER, H. H. *Studien zum antiken Synkretismus aus Iran und Griechenland*. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, 1926, p. 38-57; NOCK, Arthur Darby. *Essays on Religion and the Ancient World*. Selected and edited, with an Introduction, Bibliography of Nock's writings, and Indexes, by Zeph Stewart. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1972. v. 1, p. 199; NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. « Préface et Introduction ». In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*, op. cit., t. 2, p. 289; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 233; ATTRIDGE, Harold W. « Greek and Latin Apocalypses ». In: SEMELA 14: *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). Semeia, 14, 1979, p. 170; COPENHAVER, Brian P. «Notes». In: HERMETICA: *The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction* - Brian P. Copenhaver. Cambridge University Press, 2000, p. 240.

Sobre as tendências filosóficas platonizantes e estoicizantes no hermetismo, cf. LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, op. cit., p. 89-95, 221-228; LIRA, David Pessoa de. «A Influência dos Aforismos Sapienciais no Mito Cosmogônico do Ἱερός Λόγος Hermético». In: *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 29 (2) (2016), p. 99-118; LIRA, David Pessoa de. «O λόγος noético: análise da lógica proposicional e dos conceitos lógico-dialéticos no *Corpus Hermeticum* 12.12-14a». In: *GRIOT*, 21 (2) (2021), p. 311-331; LIRA, David Pessoa de. «O argumento das artes mânticas no *Corpus Hermeticum* 12.19». In: *GRIOT*, 17 (1) (2018), p. 283-303.

¹¹ ATTRIDGE, Harold W. «Greek and Latin Apocalypses». In: SEMELA 14: *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). Semeia, 14, 1979, p. 168.

¹² NOCK, Arthur Darby. *Essays on Religion and the Ancient World*. Selected and edited, with an Introduction, Bibliography of Nock's writings, and Indexes, by Zeph Stewart. Cambridge (MA):



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Pode-se salientar que no início do séc. IV E.C., no quadro geral demográfico, o cristianismo tinha forte expansão geográfica e ocupava *status* no estrato social (entre militares, magistrados e vários outros cargos do governo), compondo na época em torno de cinco milhões de seguidores em todo o Império. No Egito Romano (de fala grega) e no restante do Norte da África (de fala latina), o cristianismo foi bem sucedido e teve impacto entre as populações rurais, embora seja um fenômeno sociorreligioso urbano. Entre a população de língua grega, o número de cristãos era expressivo.

Mas, no Egito, no meio da população de língua egípcia, a propagação do cristianismo era lenta. Só a partir do séc. III E.C. se constatou algum êxito. Papiros indicam a presença do monaquismo ou monasticismo, os anacoretas, os gnósticos, os maniqueístas entre os sécs. IV e V com suas traduções de textos em língua egípcia. Antes disso não parece ter havido qualquer tentativa para se proclamar as mensagens e doutrinas cristãs em língua nativa egípcia. Em geral, várias práticas religiosas egípcias persistiram por muito tempo, mesmo com a hegemonia do cristianismo, principalmente nas regiões mais rurais.¹³ Então, não há certeza se o texto em questão é um *vacitinium post eventum* ou *ex eventu* contra a expansão do cristianismo no Egito na Antiguidade.¹⁴

Harvard University Press, 1972, v. 2, p. 968; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte 1: Les Textes Hermétiques de Nag Hammadi et Leurs Parallèles Grecs et Latins*. Québec: Presses de l'Université Laval, 1982. t. 1, p. 11-12; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 58, 70-80, 232; SCHWARTZ, Jacques. Note sur la « petite apocalypse » de l'Asclepius. In: *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 62e année n°2, Avril-juin 1982, p. 165-169; HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination: altered states of knowledge in late antiquity*. Cambridge University Press, 2022, p. 50-53; ATTRIDGE, Harold W. Greek and Latin Apocalypses. In: *SEMELA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979, p. 170; COPENHAVER, Brian P. "Notes". In: *HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver*. Cambridge University Press, 2000, p. 238-239; LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, *op. cit.*, p. 49-50.

¹³ WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006, p. 143; SHORE, A. F. Chrisitan and Coptic Egypt. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Claredon Press, 1971, p. 390-433.

¹⁴ Sobre a crítica de Agostinho de Hipona em relação ao *Asclepius* 24-26, cf. AGOSTINHO, *De Civitate Dei* 8.23-24; SAN AGUSTIN. *La Ciudad de Dios*. Edición bilingüe preparada por José Moran. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1958. t. 16-17, p. 560- 570; AUGUSTINE. *City of God: Against the Pagans*. Books VIII – XI. With an English Translation by David S. Wiesen. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1968, p. 102-229. LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, *op. cit.*, p. 62-67.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Certamente, o redator se apropriou de um material traditivo (ou de vários materiais) e desenvolveu um discurso em tom escatológico. Assim como no gênero apocalíptico, o redator do *Asclepius* também parte da particularização do Egito a uma universalização daquele local como sagrado, santo, divino, a exemplo da Nova Jerusalém, ilha do Chadir, Atlântida etc.¹⁵ De qualquer maneira, mesmo universalizando o local ou generalizando os eventos e as personagens, a referência de fato é o lugar particular, no caso de *Asclepius* 24-26, o Egito. Assim, isso indica seu *Sitz im Leben*, a saber, o Egito.

O fato é que parte do *Asclepius* 26 tende a apresentar um quadro estrutural geral com temas e motivos de cataclismos, pestilência, impiedade, periodicidade, a caducidade do mundo, a intervenção divina, a *palingenesia*, a apocatástase), os quais não estão determinados por particularidades. É um panorama que perfeitamente serve para formulação de qualquer profecia escatológica ou apocalíptica.¹⁶ Assim, poder-se-ia afirmar que esses textos são representações de uma profecia greco-egípcia com orientação escatológica como o texto grego do *Oráculo do Oleiro*, que pertence à mesma

Sobre as novas leis, cf. HANEGRAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, *op. cit.*, p. 75-76; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus: the Egyptian priestly figure as a teacher of Hellenized wisdom*. Leiden; Boston: Brill, 2018, p. 447-449.

¹⁵ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 295-311; HANEGRAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, *op. cit.*, p. 53-61; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, *op. cit.*, p. 443 et seq. Cf. AGOSTINHO, *De Civitate Dei* 8.23-24; SAN AGUSTIN. *La Ciudad de Dios*, *op. cit.*, t. 16-17, p. 560- 570; AUGUSTINE. *City of God*, *op. cit.*, p. 102-229. LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*, *op. cit.*, p. 62-67.

¹⁶ LACTANTIUS, L. Caelius Firmianus. *Divinarum institutionum libri septem*. Liber VII. Ediderunt Eberhard Heck et Antonie Wlosok. Berlin; Boston: De Gruyter, 2011. Fasc. 4, p. 706-707. HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*, *op. cit.*, t. 2, p. 330-331; HERMETICA: *the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*, *op. cit.*, 1985. v. 1, p. 344-347. Cf. a tradução em português do texto grego e latino em LIRA, David Pessoa de; VIANA, L. M. Q. “Os fragmentos herméticos gregos do ΑΙΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: tradução e análise comparativa com a versão latina do *Asclepius* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39”. In: TRANSLATIO. v. 21 (2021), p. 163-164; NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI, *op. cit.*, v. 11, p. 430-433; HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie*, *op. cit.*, t. 5, p. 172-173; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 184-185. ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 53-69; ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*, *op. cit.*, p. 313-331; LIRA, David Pessoa de. “[Ο Αίγιος Τέλειος em De Vita Beata de Lactânio: análise filológica do Fragmentum Hermético das Divinae Institutiones 7. 18. 4-5](#)”. In: CORTIJO OCAÑA, Antonio; MARTINES, Vicent (orgs.). *Mirabilia Journal* 34 (2022/1), p. 24-46.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

tradição.¹⁷ Mas, amiúde, os §§ 24-26 do *Asclepius* latino e do NH VI.8 (70.3-74.32) do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta não apresentam interesse por eventos sobrenaturais, o que diverge de textos apocalípticos.¹⁸ Deve-se observar que a designação de ‘profecia’ ou ‘apocalipse’ para esses textos não é totalmente correta. O escritor está falando de uma experiência atual e pessoal.¹⁹

II. Tradução e Análise do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8 (70.3-71.29))

[70.3] ἡ ἐ[κε] ν[ῆ] α[τ]σοοῦν ὡ[ς] [α]κ[κ]ληπ[ι]ε[ς] χε κ[η] με ε[σ]υοοῦ ν[ῆ] κ[ω]ν ν[ῆ] π[ι]ε· ν[ῆ] ζογο δε
 π[ι]α ν[ῆ] ω[ω]πε ν[ῆ] π[ε] τε μ[η] ν[ε]νεργ[ι]α τηροῦ ε[τ] ζ[η]ν τ[π]ε· ε[υ] χε ε[υ] χε ε[τ] ρεν[χ]ω ν[ῆ] τ[μ]ε·
 π[η] κ[α]ε ε[σ]υοοῦ ν[ῆ] ρ[π]ε μ[η] κ[ο]σμος· ε[υ] χε δε ε[ρ]οκ ε[τ] μ[η] α[τ]σοοῦν χε οὔν ογοειω
 ναωωπε ν[ῆ] ρ[α]ι ν[ῆ] ζ[η]τ[η] σ[ε]ναογωνε εβολ ν[ῆ] β[ι] ν[ῆ] ρ[μ] κ[η] με εαγ[ε]ι[ς] ε[τ] μ[η] τ[η] νογτε
 επ[χ]ιν[χ]η· αγω τογπραγμα[τ]ια τηρ[ε] ζ[η]ν τογμ[η] τ[η] νογτε σ[ε]ναωωπε ε[σ]υ[η]ς· τ[η] ν[ῆ] τ[η] νογτε
 γαρ τηρ[ε] ναλο ζ[η]ν κ[η] με ν[ε]ς π[ω]τ ε[ρ]α[ι] ε[τ] π[ε]· αγω κ[η] με ναρ[χ]ηρεγε· φ[η] ναρ[χ]αει
 ν[ῆ] ν[ῆ] νογτε· ναλλοφγλος γαρ ν[ῆ] ν[η] ε[ρ]ογν εκ[η] με ν[ε] ρ[ε] ρ[ε] οει[ς] ε[ρ]ογ κ[η] με ν[ῆ] ζογο δε
 ν[ῆ] ρ[μ] κ[η] με σ[ε]ναρ[κ]ωλγε μ[η] οογ ε[τ] ρεγ[υ] μ[ω]ε μ[η] π[η] νογτε· ν[ῆ] ζογο δε σ[ε]ναωωπε ζ[η]ν
 ν[ῆ] τ[η] μ[ω]ρια· πετογναδε δε ε[ρ]ογ ν[ῆ] ζ[η]τογ ε[σ]υ μ[ω]ε ε[ρ] ρ[ε] ρ[ε] β[ε] ρ[ε] θ[α]ι μ[η] π[η] νογτε μ[η] φ[ο]ογ δε
 ε[τ] μ[η] αγ τ[χ]ωρα ε[τ]ε ν[ῆ] ρ[μ] κ[η] με παρ[α] ν[ῆ] χ[ω]ρα τηροῦ σ[ε]ναωωπε ε[ε] ν[ῆ] α[ε] β[η]ς·
 ογκε[τ]ι σαμογ[ε] ν[ῆ] ρ[π]ε αλλα σαμογ[ε] ν[ῆ] τ[α] φ[ο]ς· ογτε ε[σ]αμογ[ε] αν ν[ῆ] νογτε αλλα
 ζ[ε]νκωω[ς]· ὡ κ[η] με κ[η] με <νεκμ[η] τ[η] νογτε> δε ναωωπε ν[ῆ] θ[ε] ν[ῆ] ν[ι] υ[ω] ω[ω]ς· αγω
 νεκ[ε] θ[ε] ιον [71.1] σ[ε] να ν[ῆ] ζ[ο] γ[ο] γ[ο] γ[ο] α[ν] ε[γ] ε[ν] ν[ῆ] ζ[β] [η] ογ[ε] ν[ῆ] ω[π] ηρε μ[η] ζ[ε] ν[ω] α[χ]ε ε[γ]
 [ογ] α[α] [β] αγω ε[ω] [χ] ε[ζ] ενω[ν]ε νε νεκω[α] χε ε[τ] [ε] ν[ῆ] ω[π] ηρε αγω π[β] αρ[β] αρο[ς] να[σ] ω[τ] π[η]
 ν[ῆ] ζογο ε[ρ]οκ· ν[ῆ] τ[ο]κ ὡ [π] ρ[μ] κ[η] με ζ[η]ν τε μ[η] τ[η] νογτε ἡ ογ[ε] κ[γ] θ[ε]ς ἡ [[ογ]] ν[ῆ] ζ[η] τογ·

¹⁷ ATTRIDGE, Harold W. “Greek and Latin Apocalypses”. In: *SEMELA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979, p. 168.

¹⁸ ATTRIDGE, Harold W. “Greek and Latin Apocalypses”, *op. cit.*, p. 170.

¹⁹ HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*, *op. cit.*, t. 2 p. 326, 379, note 201; SCHWARTZ, Jacques. Note sur la « petite apocalypse » de l'Asclepius. In: *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 62e année n°2, Avril-juin 1982, p. 165-169; ATTRIDGE, Harold W. “Greek and Latin Apocalypses”, *op. cit.*, p. 168, 170; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 68-97; HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, *op. cit.*, p. 74; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, *op. cit.*, p. 443-444.

Sobre a designação de apocalipse, cf. COLLINS, John J. “Introduction: Towards the Morphology of a Genre”. In: *SEMELA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979, p. 1-20. Diferente de Christian Bull, eu não insisto em defender que esse texto seja do gênero ‘apocalipse’.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

ϣ.ΝΑ.ῤ.ΧΑΕΙΕ, Π.ΕΤ.ΟΥ.ΝΑ.ΖΕ (239), ΝΑ.ΩΤῤ, ΝΑ.ΜΟΥ, ΣΕ.ΝΑ.ΡΙΜΕ, ΣΕ.ΝΑ.ΜΕΕΥΕ, ϣ.ΝΑ.ΟΥΩΝΕ.²¹ Embora esse tempo possa traduzir o futuro na língua grega, ele também pode ser usado para expressar o presente grego ou construções com μέλλω + infinitivo. A predominância do Futuro I, no entanto, não implica que o texto copta pertença ao gênero de predição escatológica. Esse tempo verbal expressa um futuro iminente, progressivo e imediato, indicando uma ação que tem início no presente e se estende até o futuro. Em outras palavras, seu aspecto reflete um futuro concebido ou contemplado a partir do presente do falante. O morfe ΝΑ-[na] transmite a ideia de “estar para”, “ir” ou “estar a ponto de”, de modo que ΝΑ.ΩΩΠΕ [našōpe] pode ser interpretado como “estar para ser”, “ir ser” ou “estar a ponto de ser”.²² Assim, há uma relação clara entre o tempo do discurso e o tempo do acontecimento descrito. Isso contrasta com o Futuro III (futuro energético ou optativo), no qual a ação situa-se efetivamente no futuro. Por essa razão, promessas e predições escatológicas são frequentemente expressas pelo Futuro III.²³

b) Na sentença “ΝΑΛΛΟΦΥΛΟΣ ΓΑΡ ὩΝΗΥ ΕΞΟΥΝ ΕΚΗΜΕ ὩΣΕῤΧΟΕΙΣ ΕΡΟΥ ΚΗΜΕ (Pois os alófilos entrarão no Egito e o dominarão, [isto é] o Egito!)”, a construção ὩΝΗΥ ΕΞΟΥΝ [ennēu ehoun] equivale a ΝΑ.ΕΙ ΕΞΟΥΝ [naei ehoun] — “entrarão” ou “vão entrar”.²⁴ Já a forma verbal ὩΣΕῤΧΟΕΙΣ [enseerčoeis] (“e eles dominarão”) está no conjuntivo, assumindo o tempo verbal da oração anterior.²⁵ Como mencionado, o tempo indicado previamente é o futuro (ὩΝΗΥ = ΝΑ.ΕΙ). Fenômeno semelhante ocorre na sentença “ΤῤῤῤΝΟΥΤΕ ΓΑΡ ΤΗῤῤ ΝΑΛΟ Ζῤ ΚΗΜΕ ὩΣ ΠΩΤ ΕΞΑΙ.ΕΤΠΕ (Pois toda a

²¹ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar: With Chrestomathy and Glossary – Sahidic Dialect*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2011, p. 116-117.

²² WILSON, MARVIN R. *Coptic Future Tenses: Syntactical Studies in Sahidic*. The Hague; Paris: Mouton & Co. N.V., Publishers, 1970, p. 69-72; LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 35-36, 234, 239-240; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*. London: Home & van Thal, 1948, p. 33-34; STÖRIG, Hans Joachim. *Aventura das Línguas: Uma História dos Idiomas do Mundo*. Editora Melhoramentos, 2005, p. 74-75.

²³ WILSON, MARVIN R. *Coptic Future Tenses*, op. cit., p. 22, 58-61, 107; LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 263-269; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*, op. cit., p. 33, 35.

²⁴ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 239.

²⁵ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 276.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

divindade cessará [de estar] no Egito e fugirá para o céu)”. A forma $\overline{\text{N}}.\text{C.} \pi\omega\tau$ [enspōt] (e ela fugirá) também está no conjuntivo, herdando o sentido temporal de $\text{N}\alpha.\lambda\omicron$ [nalo] (cessará [de estar]).

c) A oração atributiva articulada $\pi.\epsilon\tau.\omicron\upsilon.\text{N}\alpha.\zeta\epsilon$ [petounahe] — “se alguém, dentre eles, for encontrado” ou “quem quer que, entre eles, se encontrar” — deriva do elemento invariável $\pi.\epsilon\tau-$ [pet], que forma nomes descritivos de qualidade ou que designam pessoas e coisas. Essa construção funciona como uma oração subordinada adjetiva relativa (ou como um adjunto adnominal). Nessa estrutura, o morfe $\text{N}\alpha-$ [na] indica generalização e potencialidade, mais do que futuridade.²⁶

d) O infinitivo $\epsilon.\tau\text{p}\epsilon.\gamma.\omega\overline{\text{m}}\omega\epsilon$ [etreušemše] — cultuar — na sentença “ $\overline{\text{N}}\epsilon\omicron\gamma\omicron \Delta\epsilon \overline{\text{n}}\overline{\text{p}}\overline{\text{m}}\overline{\text{n}}\text{K}\text{H}\text{M}\epsilon \text{C}\epsilon\text{N}\alpha\overline{\text{p}}\text{K}\omega\lambda\gamma\epsilon \overline{\text{m}}\text{M}\omicron\omicron\gamma \epsilon\tau\text{p}\epsilon\gamma\omega\overline{\text{m}}\omega\epsilon \overline{\text{m}}\text{P}\text{N}\omicron\gamma\text{T}\epsilon$ (Ademais, os egípcios ficarão proibidos de cultuar Deus)” é formado pela preposição $\epsilon-$, que precede o infinitivo causativo $-\tau\text{p}\epsilon-$. Esse uso ocorre especialmente quando o verbo principal expressa desejo, comando, decisão, proibição ou pedido — neste caso, $\text{C}\epsilon.\text{N}\alpha\overline{\text{p}}.\text{K}\omega\lambda\gamma\epsilon$ [senaerkolue] (ficarão proibidos de).²⁷

e) Na sentença “ $\epsilon\omega\chi\epsilon \epsilon\omega\omega\epsilon \epsilon\tau\text{p}\epsilon\text{N}\chi\omega \overline{\text{n}}\text{T}\text{M}\epsilon$ (se é adequado falarmos a verdade)”:

1. A conjunção $\epsilon\omega\chi\epsilon$ [ešče] (equivalente à conjunção grega $\epsilon\iota$) introduz a *prótase* de orações condicionais reais e abertas, sem implicações quanto ao seu cumprimento. Nesses casos, os verbos geralmente aparecem no presente ou no perfeito.
2. O verbo impessoal $(\epsilon)\omega\omega\epsilon$ [ešše], seguido do infinitivo causativo $-\tau\text{p}\epsilon$, precedido de $\epsilon-$, transmite a ideia de dever ou obrigação, como em $\epsilon.\tau\text{p}\epsilon.\text{N}.\chi\omega$ [etrenčō] (“devemos falar a verdade”).
3. O morfema $-\text{N}-$ [n] funciona como um marcador pessoal, pertencendo ao conjunto dos alomorfes intermediários pessoais (ou infixos intermediários pessoais). Nesse contexto, $-\text{N}-$ [n] corresponde à primeira pessoa do plural.²⁸
4. Na passagem

²⁶ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 88-89, 239.

²⁷ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 116, 269, 289-290; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sabidic Dialect)*, op. cit., p. 41.

²⁸ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 66-68, 116, 269, 289-290, 395-396, 506, 517; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sabidic Dialect)*, op. cit., p. 41, 58-59; CRUM,



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

“**ΕΥΨΕ ΔΕ ΕΡΟΚ ΕΤΜΡΑΤΣΟΟΥΝ...** (e é justo para ti não ficares sem conhecimento...)”, a forma **Ε.ΤΜ.Ρ.ΑΤΣΟΟΥΝ** [etemeratsooun] está no infinitivo negativo, com o negador **ΤΜ** [tem].²⁹

f) Orações Circunstanciais Completivas: 1. Com construção subjetiva completada após verbos de predicação incompleta: A forma **Ε.Α.Υ.ΖΙΣΕ** (ter louvado ou tendo eles louvado) aparece após **ΣΕ.ΝΑ.ΟΥΩΝΖ** (parecerão ou serão vistos), como em: “**ΣΕΝΑΟΥΩΝΖ ΕΒΟΛ ΝΒΙ ΝΡΜΝΚΗΜΕ ΕΑΥΖΙΣΕ ΕΤΜΝΤΝΟΥΤΕ ΕΠΧΙΝΧΗ** (Os egípcios parecerão ter louvado a divindade em vão” ou “os egípcios serão vistos tendo louvado em vão)”. 2. Com construção subjetiva/objetiva completada após verbos de predicação incompleta: As formas **ΕΦΩΜΩΕ** e **ΕΦΡΣΕΒΕΣΘΑΙ** aparecem após **ΠΕΤΟΥΝΑΖΕ** (se alguém se encontrar), como em: **ΠΕΤΟΥΝΑΖΕ ΔΕ ΕΡΟQ ΝΖΗΤΟΥ ΕΦΩΜΩΕ ΕΦΡΣΕΒΕΣΘΑΙ ΜΠΝΟΥΤΕ** (Principalmente se alguém dentre eles se encontrar cultuando e reverenciando Deus). 3. Orações completivas circunstanciais em conjugação perifrástica do tipo **ΩΩΠΕ** + verbos estativos ou qualitativos: 3.1 **Σ.ΝΑ.ΩΩΠΕ** (será) + **Ε.Σ.ΩΗΣ** (desprezada) em “**ΑΥΩ ΤΟΥΠΡΑΓΜΑΤΙΑ ΤΗΡΤ ΖΝ ΤΟΥΜΝΤΝΟΥΤΕ ΣΝΑΩΩΠΕ ΕΣΩΗΣ** (E toda a sua atividade em sua religião será desprezada)”. 3.2. **Σ.ΝΑ.ΩΩΠΕ** (virá) + **Ε.Σ.Ε** (a ser) em “**ΜΦΟΟΥ ΔΕ ΕΤΜΜΑΥ ΤΧΩΡΑ ΕΤΕ ΝΡΜΝΝΟΥΤΕ ΠΑΡΑ ΝΧΩΡΑ ΤΗΡΟΥ ΣΝΑΩΩΠΕ ΕΣΕ ΝΑΣΕΒΗΣ** (E no dia, o país piedoso, mais do que todos os países, virá a ser impiedoso)”. 3.3. **ΝΑ.ΩΩΠΕ** (será) + **Ε.Φ.ΩΗQ** (desertado) em “**ΑΥΩ ΚΗΜΕ ΝΑΩΩΠΕ ΕΦΩΗQ ΝΝΝΟΥΤΕ ΜΝ ΝΡΜΝΚΗΜΕ** (E o Egito será desertado de deuses e egípcios)”. 3.4. **ΣΕ.ΝΑ.ΩΩΠΕ** (virão) + **Ε.Υ.ΧΟΣΕ** (a aumentar) em “**ΑΥΩ ΝΣΩΜΑ ΕΤΜΟΟΥΤ ΣΕΝΑΩΩΠΕ ΕΥΧΟΣΕ ΝΖΟΥQ ΔΝΤΗΝΕ** (E os corpos mortos virão a aumentar mais do que diques)”.³⁰

Walter E. *A Coptic Dictionary*. With a new foreword by James M. Robinson. Eugene (Oregon, USA.): Wipf & Stock Publishers, 2005, p. 607-608.

²⁹ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 126, 194.

³⁰ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 66-68; 341-342; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*, *op. cit.*, p. 31-32. Sobre os verbos estativos ou qualitativos, cf. LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 126. Sobre os estativos ou qualitativos **ΩΗΣ**, **Ε**, **ΩΗQ**, **ΧΟΣΕ**, cf. CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*, *op. cit.*, p. 607-608, 83-84, 609-610, 788-790.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

g) Na sentença “ΠΟΙΨ ΓΑΡ ΝΤΑΝΝΟΥΤΕ ΚΩ ΝΨΩΟΥ ΜΠΚΑΖ ΝΚΗΜΕ ΑΨΩ ΑΨΠΩΤ ΞΖΡΑΪ ΞΤΠΕ (Uma vez, pois, que os deuses deixaram para trás a terra do Egito e eles fugiram para cima no céu...)”, ΝΤ- [ɛnt] - em ΝΤΑΝΝΟΥΤΕ - é um conversor relativo usado antes do passado α- [a]. O α- [a] é um padrão de estado *prenominal* que indica justamente o tempo passado afirmativo. No verbo α.Ψ.ΠΩΤ, o -Ψ- [u] é uma morfe pessoal de terceira pessoa do plural, que faz parte dos alomorfes intermediários pessoais ou infixo intermediário pessoal.³¹ Essa sentença expressa a causa de que ΤΟΤΕ ΝΡΜΝΚΗΜΕ ΤΗΡΟΥ ΝΑΜΟΥ (então, todos egípcios morrerão).

h) É importante destacar a expressão Τ.ΜΝΤ.ΝΟΥΤΕ [tmentnoute], que se refere à divindade. A base ΜΝΤ- é utilizada na formação de substantivos comuns e abstratos compostos, sendo de gênero feminino. Dependendo do contexto, Τ.ΜΝΤ.ΝΟΥΤΕ [tmentnoute] pode ser traduzida como religião, piedade ou reverência (θειότης, εὐσέβεια).³²

i) As sentenças “ΟΥ ΔΕ ΠΕΨΧΩ ΜΜΟΥ ΕΠΡΜΝΚΗΜΕ· ΣΕΝΑΚΩ ΓΑΡ ΝΨΩΟΥ ΝΚΗΜΕ ΑΝ (E o que digo sobre ele, o egípcio? / Pois não deixarão o Egito para trás?)” são exemplos de perguntas retóricas. A segunda sentença, em particular, é uma questão retórica negativa, cuja resposta esperada é afirmativa: “Sim! Os egípcios abandonarão o Egito”.

³¹ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 66-68; 324.

³² LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 87; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*, op. cit., p. 12, 31; CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*, op. cit., p. 231. MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 234. HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, op. cit., p. 74. BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 446.

Sobre a palavra grega εὐσέβεια [eusebeia] e εὐσεβής [eusebēs], cf. RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 207, 415. MORWOOD, James; TAYLOR, John (eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford University Press, 2002, p. 145, 289; BETTS, Gavin. *Complete Latin*. London: Hodder Education; New York: McGraw Hill, 2010, p. 409; DODD, C.H. (Charles Harold). *The Bible and the Greeks*. London: Hodder and Stoughton, 1954, p. 60, 77, 173-174, 179, 199. LIRA, David Pessoa de. “Eusebeia, Gnosis e Episteme: um diálogo atual entre conhecimento piedoso e ciência no *Corpus Hermeticum*”. In: SCHAPER, Valério G.; WESTHILLE, Vítor; OLIVEIRA, Kathlen L. de; GROSS, Eduardo. *Deuses e Ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2010, p. 133-143.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Para reforçar essa construção, poderia ter sido utilizada a negação inicial **ΜΗ** (μή), seguida do negador indispensável **ΑΝ**.³³

j) Os vocábulos greco-coptas presentes neste texto correspondem a cerca de 20%. Essa ocorrência se dá principalmente em preposições, conjunções e partículas conjuntivas, como **αλλα**, **γαρ**, **δε**, **ἢ**, **κατα**, **μεν**, **οὔκετι**, **οὔτε**, **παρα**, **τοτε**, **ζως**; a interjeição **ὦ**; substantivos e adjetivos como **Ν.αλλοφγλος**, **ασεβης**, **ακληπιε**, **Π.βαρβαρος**, **Ν.ενεργια**, **Νεκ.θειον**, **Π.κοσμος**, **τογ.πραγματια**, **ἡ.σωμα**, **ἡ.ταφος**, **ἡ.τιμωρια**, **ογ.σκυθης**, **τ.χωρα**, **ἡ.χωρα**, **ἡ.ζητογ**, **ἡ.ζικων**; e verbos como **κωλυε**, **σεβесθαι**, **χηρεγε**.³⁴

k) **ἡ.ζογο** expressa o sentido adversativo de **δε** - ademais, além disso.³⁵ Contudo, a partícula **δε** assume um sentido diferente em sentenças como “**ΠΕΤΟΥΝΑΖΕ ΔΕ ΕΡΟQ ἡ.ΖΗΤΟΥ ΕQΩἡ.Ε ΕQΡΣΕΒΕCΘΑΙ ἡ.ΠΝΟΥΤΕ** (Principalmente se alguém dentre eles que se encontrar cultuando e reverenciando Deus)”. Nesse caso, parece que o tradutor pode ter confundido a partícula **δῆ** por **δέ**, provavelmente trocando o **Η** por **Ε**, o que ocorre ocasionalmente. Amiúde, a partícula adverbial grega **δῆ** expressa insistência, intensividade e tem um valor demonstrativo. Essa partícula, outrossim, pode indicar a retomada do fio da conversa, principalmente depois de uma digressão.³⁶ A troca de **δῆ**

³³ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 193.

Parrot traduz a segunda sentença como uma negativa sem questão enquanto Mahé traduz, subtraindo a negação, como uma afirmação enfática. NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI. Volume Editor Douglas M. Parrot. Leiden: E. J. Brill, 1978, v. 11, p. 432-433; HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie*, *op. cit.*, t. 5, p. 164-165; MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 174-175.

³⁴ Cf. os segmentos de origem grega e latina, os antropônimos e topônimos atestados no copta em CHERIX, Pierre. *Lexique Copte: Dialecte Sahidique*. Bex (Genève): V.23.1, 131, p. 78-127, p. 128-130. LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 462-464.

³⁵ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 456.

³⁶ RAGON, E. *Gramática grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Poulain. São Paulo: Odyseus, 2012, p. 276; RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 120-121.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

por δέ é possível, mas só seria válida caso o copista copta não tivesse intercambiado o Η pelo Ε, o que é uma ocorrência ocasional.³⁷

1) A palavra **αλλοφυλος** é um empréstimo da palavra grega **ἄλλοφυλος**, que tem um significado sócio-político ou sociorreligioso, e literalmente significa “o de outra tribo”. No contexto egípcio, por volta do século III E.C., essa palavra se referia a indivíduos que estavam assentados em um determinado nomo ou metrópole grega (μητρόπολις). É uma pessoa que não faz parte de um grupo étnico. Assim, trata-se de uma pessoa de uma outra classe, de um estrangeiro gentio diferente de um bárbaro (diferente de um não helenizado). Essa palavra é comumente traduzida para o latim como *alienigēna*.³⁸ Em comparação com o conceito de “bárbaro” (alguém que não é helenizado), o **αλλοφυλος** seria alguém helenizado, ou seja, um greco-romano ou egípcio helenizado assentado em metrópoles no Egito.³⁹ No texto, essa palavra é usada para distinguir esse

³⁷ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, *op. cit.*, p. 33.

³⁸ MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, *op. cit.*, t. 2, p. 483; CHERIX, Pierre. *Lexique Copte: Dialecte Sabidique*. Bex (Genève): V.23.1, 131 p. 80; LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon. Revised and Augmented by Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie with the Cooperation of many scholars. With Revised Supplement*. Oxford: At the Clarendon Press, 1996, p. 71; MORWOOD, James; TAYLOR, John (eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford University Press, 2002, p. 16; PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998, p. 27; LAMPE, G. W. H. *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: At the Clarendon Press, 1961, p. 78; LUST, J.; EYNIKEL, E.; HAUSPIE. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. With the collaboration of G. Chamaberbain. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992. pt. 1, p. 21; RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, *op. cit.*, p. 34; LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2013, p. 117; GLARE P.G.W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Reprinted with corrections. Oxford: At the Clarendon Press, 2015. 2v. 1, p. 106; *DICIONÁRIO de Latim-Português, Português-Latim*. Porto: Porto, 2010, p. 30; LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles; FREUND, William. *Latin Dictionary*. Founded on Andrew's Edition of Freund's Latin Dictionary. Revised, enlarged, and in great part rewritten by Charlton T. Lewis and Charles Short. Oxford: At the Clarendon, 1958, p. 84. Cf. TLA lemma no. C8186 (**αλλοφυλος**), in: [Coptic Dictionary Online](#), ed. by the Koptische/Coptic Electronic Language and Literature International Alliance (KELLIA). Cf. a palavra **ωμμο** em CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*, *op. cit.*, p. 565-566. Cf. também GASCOU, Jean. Les ἄλλοφυλοι. In: *Revue des Études Grecques*, 110 (2) (1997), p. 285-294.

³⁹ FEWSTER, Penelope. “Bilingualism in Roman Egypt”. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 241-245; PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press,



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

grupo dos π.βαρβαρος [pbarbaros], ογ.κγϑης [ouskuthēs] ou ἡ Ζήντου [enhentou] (hindus), que, segundo o texto, serão superiores religiosamente aos egípcios.⁴⁰ Embora a palavra αλλοφυλος possa ser traduzida como “estrangeiros”, opta-se por utilizar o termo *alóctones*, já que enfatiza a ideia de indivíduos pertencentes a um grupo cultural ou étnico diferente. Além disso, a palavra Ζήντου [hentou] corresponde à palavra grega Ἰνδοί (hindus). A permuta entre o τ [t] ou [nt] e o Δ [d] é uma característica comum do grego falado no Egito, explicando a troca entre essas consoantes.⁴¹ Amiúde, os termos "citas" e "hindus" ou "indo-citas" remetem a qualquer bárbaro errante que vive nas fronteiras armênias, persas e indianas. Os *Oracula Sibyllina* empregam recorrentemente a palavra Ἰνδοί (hindus) para designar essa categoria. Um exemplo disso é encontrado na seguinte passagem: “Σνήγην δ' ὀλέσειε μέγας φῶς Αἰθιοπῶν Τεύχιραν οἰκήσουσι βίη μελανόχροες Ἰνδοί” (*Orac. Sib.* 5.195 *et seq.*).⁴²

A análise linguística copta do λογος τελειος oferece elementos esclarecedores para seu enquadramento, indicando que o texto se fundamenta mais em predições do gênero caótico, caracterizando-se como um *Chaosbeschreibung* – uma técnica literária ou estilística que representa situações de desordem, confusão e imprevisibilidade. Essa técnica busca transmitir o caos por meio de descrições detalhadas, criando uma atmosfera intensa e desorientadora para o leitor.⁴³

1971, p. 323-327; SHORE, A. F. “Chrisitan and Coptic Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Claredon Press, 1971, p. 391.

⁴⁰ MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 483;

⁴¹ MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 233. FEWSTER, Penelope. “Bilingualism in Roman Egypt”. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 235; LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon*, op. cit., p. 831.

⁴² DIE ORACULA SIBYLLINA. *Die griechischen christlichen Schriftsteller. Bearbeitet im Auftrage dorn Kirchenväter-Commission der Königl. Preussischen Akademie der Wissenschaften von Joh. Gefpcken*. Leipzig Hinrichs, 1902, p. 113.

⁴³ MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 68-97; HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, op. cit., p. 74; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 443-444.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

III. A *biversão* copto-latina do Λόγος Τέλειος

O *Ascl.* 24 e o ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ no NH VI.8 (70.3-71.29) compõem uma *biversão*, cada texto apresentando duas versões em línguas distintas do Λόγος Τέλειος, ambas influenciadas, em maior ou menor grau, pelo grego. Para descrever esses textos, é fundamental considerar sua posição dentro de um *continuum* de equivalência. As versões podem expressar exatamente o mesmo conteúdo ou apresentar variações, podendo ser idiomáticas (*sensus de sensu*) ou literais (*verbum e verbo*).⁴⁴

No texto do *Ascl.* 24, a palavra *homo* ocorre duas vezes (*homines* e *homine*) onde, no texto copta do ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ (NH VI.8 (70.3-71.29)), incide o termo ⲛⲣⲙⲛⲕⲙⲉ (os homens egípcios). Curiosamente, na antiga língua egípcia, só os egípcios eram chamados de *homem* ou *humano* (*rmṯ*). Os demais povos eram conhecidos pelo próprio gentílico. O substantivo ⲣⲙⲛⲕⲙⲉ é composto da palavra ⲣⲱⲙⲉ (homem, pessoa, alguém) + ⲛ̄ (elemento extensivo; pronome determinativo para expressar o genitivo direto) + ⲕⲙⲉ (Egito). Daí, ⲣⲙⲛ̄ significa *pessoa relacionada a*.⁴⁵ Em todo caso, é mais provável que o texto latino, pelo estilo retórico e lamentativo, pela maneira mais profética e fatalista, pela narrativa mais dramática e profética, tente universalizar as particularidades para criar um sentimento apocalíptico. Assim, o texto objetiva dar uma atuação mais ampla e não particularizada, orientando-se pela dimensão universal da predição. Por isso, prefere-se generalizar dos egípcios para a humanidade.

a) O texto latino apresenta uma elaboração mais florida em “*quod est uerius, translatio aut descensio omnium, quae gubernantur atque exercentur in caelo?* (o que é mais verdadeiro, uma translação ou descenso de todas as coisas que são governadas e exercidas no céu?)”, enquanto, no texto copta, há apenas uma sentença mais simples: “ⲛⲉⲟⲓⲟ ⲁⲉ ⲡⲙⲁ

⁴⁴ ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge University Press, 2004, p. 29-40; MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (orgs.). *Multilingualism in the Graeco-Roman Worlds*. Cambridge University Press, 2012, p. 15-16.

⁴⁵ NOCK, Arthur Darby. *Essays on Religion and the Ancient World*. Selected and edited, with an Introduction, Bibliography of Nock's writings, and Indexes, by Zeph Stewart. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1972, v. 2, p. 566; LOPRIENO, Antonio. *Ancient Egyptian: A Linguistic Introduction*. Cambridge University Press, 2004, p. 36, 46, 52, 56-57; LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar. With Chrestomathy and Glossary – Sahidic Dialect*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2011, p. 94-95, 456, 514.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Νῦωπε ἡτπε τε μῆ νενεργια τηρου ἐτῆν τηε (Ademais, é a morada do céu com todas as energias que [estão] no céu).⁴⁶ O latim utiliza uma estrutura mais sofisticada e interrogativa, enquanto o copta adota uma formulação mais direta e descritiva.

b) A sentença latina “*terra nostra mundi totius est templum* (nossa terra é o templo de todo o mundo)” e a sentença copta “πῆκαε εῡωσοῦ ἡρπε ἡπκοσμος (nossa terra vem a ser o templo do cosmo)” se diferenciam por conta de uma palavra. A palavra *totius*, que qualifica *mundi*, está sobrando no latim, pois não há equivalente na sentença copta.⁴⁷

c) As orações “*futurum tempus est, cum adpareat Aegyptios incassum pia mente diuinitatem sedula religione seruasse; et omnis eorum sancta ueneratio in inritum casura frustrabitur* (existirá um tempo que há de ser quando parecer que os egípcios serviram inutilmente a divindade por uma pia mente e por uma zelosa religião; e toda santa veneração dessas coisas, havendo de perecer invalidamente, será frustrada)” e “οὐν ογοειω ναωωπε ἡρπαῖ ἡζητῆ σενδογωνε εβολ ἡβι ἡρμῆκημε εαγῆσε ετμῆτνοῦτε επῆινχη. αγω τοῦπραγματια τηρῆζῆν τοῦμῆτνοῦτε σναωωπε εσωηε (um tempo haverá quando os egípcios parecerão ter louvado a divindade em vão./ E toda a sua atividade em sua religião será desprezada)” apresentam diferenças.⁴⁸ No texto latino, as expressões *pia mente* e *sedula religione* desdobram a ideia de divindade (*diuinitas*), enquanto, no copta, essas expressões não aparecem, pois a construção τῆτῆτνοῦτε engloba os conceitos de *pietas*, *religio*, *cultus* e *diuinitas*.⁴⁹ Nota-se que a expressão *in inritum* e *incassum* (inutilmente) constituem uma duplicação correspondem a επῆινχη. Observa-se, no texto latino, uma duplicação desse sentido que não ocorre no texto copta.

d) Entre as orações “*E terris enim et ad caelum recursura diuinitas linqueturque Aegyptus terraque, sedes religionum quae fuit, uiduata numinum praesentia destituetur* (Pois, das terras para o céu, a divindade, havendo de retornar, abandonará o Egito, e a terra, que foi sede das

⁴⁶ NH VI.8 (70.5-7): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 169-171.

⁴⁷ NH VI.8 (70.8-10): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 171.

⁴⁸ NH VI.8 (70.13-17): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 171.

⁴⁹ LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*, op. cit., p. 87; PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*, op. cit., p. 12, 31; CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*, op. cit., p. 231. MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 234; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 446, n. 60.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

religiões, viúva (privada) da presença das divindades, será desolada)” e “ΤΜΗΤΝΟΥΤΕ ΓΑΡ ΤΗΡΤ ΝΑΛΟ ΖΝ ΚΗΜΕ ΝC ΠΩΤ ΕΞΡΑΙ.ΕΤΠΕ· ΑΓΩ ΚΗΜΕ ΝΑΡΧΗΡΕΥΕ· ΦΝΑΡ ΧΑΕΙΕ ΝΝΝΟΥΤΕ (Pois toda a divindade cessará [de estar] no Egito e fugirá para o céu. E o Egito ficará viúvo, deserto de deuses)”,⁵⁰ observa-se que *E terris* não aparece no texto copta. Já *Aegyptus terra*, essa expressão tem um paralelo com ΜΠΚΑΞ ΝΚΗΜΕ (de outra passagem do copta), e *sedes religionum quae fuit* remete a passagem latina anterior *terra nostra mundi totius est templum* e a outra passagem posterior *sedes delubrorum atque templorum*. Além disso, o sentido do verbo *destituatur* no latim será retomado no copta posteriormente, relacionando-se à morte dos egípcios: “ΠCΟΠ ΓΑΡ ΝΤΑΝΝΟΥΤΕ ΚΩ ΝCΩΟΥ ΜΠΚΑΞ ΝΚΗΜΕ ΑΓΩ ΑΓΠΩΤ ΕΞΡΑΙ.ΕΤΠΕ· ΤΟΤΕ ΝΡΜΝΚΗΜΕ ΤΗΡΟΥ ΝΑΜΟΥ· ΑΓΩ ΚΗΜΕ ΝΑΥΩΠΕ ΕΦΩΗΓ ΝΝΝΟΥΤΕ ΜΝ ΝΡΜΝΚΗΜΕ (Uma vez que os deuses deixaram para trás a terra do Egito e fugiram para o céu, então todos os egípcios morrerão. E o Egito será desertado de deuses e de egípcios)”.⁵¹ Dessa forma, enquanto o latim enfatiza a perda da presença divina e a desolação religiosa do Egito de maneira mais elaborada, o copta expressa a consequência de forma mais direta, relacionando o abandono dos deuses à morte da população egípcia.

e) Cotejando as sentenças “*Alienigenis enim regionem istam terramque conplentibus non solum neglectus religionum, sed, quod est durius, quasi de legibus a religione, pietate, cultuque diuino statuetur praescripta poena prohibitio* (Pois, os estrangeiros enchendo essa região e terra, não apenas a negligência das religiões será estabelecida, mas, o que é mais duro, como que por leis, a proibição sob pena prescrita da religião, piedade e culto divino)” e “ΝΑΛΛΟΦΥΛΟC ΓΑΡ ΝΝΗΥ ΕΞΟΥΝ ΕΚΗΜΕ ΝCΕΡΧΟΕΙC ΕΡΟΥ ΚΗΜΕ ΝΞΟΥΟ ΔΕ ΝΡΜΝΚΗΜΕ CΕΝΑΡΚΩΛΓΕ ΜΜΟΟΥ ΕΤΡΕΥΜΥΕ ΜΠΝΟΥΤΕ· ΝΞΟΥΟ ΔΕ CΕΝΑΥΩΠΕ ΖΝ ΝΤΙΜΩΡΙΑ· ΠΕΤΟΥΝΑΞΕ ΔΕ ΕΡΟΥ ΝΞΗΤΟΥ ΕΦΥΜΥΕ ΕΦΡCΕΒΕCΘΑΙ ΜΠΝΟΥΤΕ (Pois os alóctones entrarão no Egito e eles o dominarão, [isto é] o Egito! Ademais, os egípcios ficarão proibidos de cultuar Deus. Além disso, virão a estar em punição. Principalmente se alguém dentre eles se encontrar cultuando e reverenciando Deus)”,⁵² pode-se perceber que a expressão

⁵⁰ NH VI.8 (70.17-21): ΜΑΗΕ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 171-173; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 446.

⁵¹ NH VI.8 (71.11-17): ΜΑΗΕ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 175.

⁵² NH VI.8 (70. 21-29): ΜΑΗΕ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 173; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 445-446, n. 56.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

regionem istam terramque no *Asclepius* é usada em vez do nome *Aegyptus* (ΚΗΜΕ). O texto copta emprega $\overline{\text{NCEP}}\overline{\text{XOEC}}\overline{\text{I}}\overline{\text{C}}\overline{\text{EPOC}}\overline{\text{KHE}}$ (e eles o dominarão, [isto é] o Egito!), enquanto essa construção está ausente no texto latino. Além disso, a expressão $\overline{\text{NPM}}\overline{\text{N}}\overline{\text{KHE}}$ no copta não tem uma correspondente no latim *Aegyptii*. No copta, o sujeito é explícito, isto é, os egípcios, ao passo que, no latim, o sujeito é impessoal, indicando uma proibição geral sem referência a um sujeito determinado. Sobre a sentença “ $\overline{\text{PETOYNA}}\overline{\text{ZE}}\overline{\text{DE}}\overline{\text{EPOC}}\overline{\text{N}}\overline{\text{HNTOC}}\overline{\text{ECP}}\overline{\text{M}}\overline{\text{YCE}}\overline{\text{ECP}}\overline{\text{CEBEC}}\overline{\text{THAI}}\overline{\text{MPNOYTE}}$ (Principalmente se alguém dentre eles se encontrar cultuando e reverenciando Deus)”, essa construção não está explícita no latim. No entanto, deve-se considerar que $\overline{\text{OM}}\overline{\text{YCE}}\overline{\text{MPNOYTE}}$ (cultuar Deus) e $\overline{\text{CEBEC}}\overline{\text{THAI}}\overline{\text{MPNOYTE}}$ (reverenciar Deus) são praticamente sinonímicas.

f) Comparando “*Tunc terra ista sanctissima, sedes delubrorum atque templorum, sepulcrorum erit mortuorumque plenissima* (Então, esta santíssima terra, a sede de santuários e templos, estará pleníssima de sepulcros e de mortos)” e “ $\overline{\text{MFOOC}}\overline{\text{DE}}\overline{\text{ETM}}\overline{\text{MAY}}\overline{\text{TXWA}}\overline{\text{ETE}}\overline{\text{NPM}}\overline{\text{N}}\overline{\text{NOYTE}}\overline{\text{PARA}}\overline{\text{NXWA}}\overline{\text{THROC}}\overline{\text{CNA}}\overline{\text{YWP}}\overline{\text{E}}\overline{\text{ECE}}\overline{\text{NACEBHC}}\overline{\text{OYKETI}}\overline{\text{CAMOY}}\overline{\text{Z}}\overline{\text{NPM}}\overline{\text{PE}}\overline{\text{ALLA}}\overline{\text{CAMOY}}\overline{\text{Z}}\overline{\text{NTAFOC}}\overline{\text{OYTE}}\overline{\text{ECAMOY}}\overline{\text{Z}}\overline{\text{AN}}\overline{\text{NNOYTE}}\overline{\text{ALLA}}\overline{\text{ZENKWC}}$ (E no dia o país piedoso [mais do] que todos os países virá a ser impiedoso:/ não mais cheio de templos, mas cheio de sepulturas;/ nem cheio de Deus, mas de cadáveres)”,⁵³ pode-se constatar que o grau comparativo de superioridade do copta $\overline{\text{TXWA}}\overline{\text{ETE}}\overline{\text{NPM}}\overline{\text{N}}\overline{\text{NOYTE}}\overline{\text{PARA}}\overline{\text{NXWA}}$ (o país piedoso [mais do] que todos os países) passou a ser o superlativo no latim *terra ista sanctissima* (esta santíssima terra). Por isso, $\overline{\text{PARA}}\overline{\text{NXWA}}$ não possui correspondente em latim.

No texto copta, a afirmação de que o Egito “ $\overline{\text{CNA}}\overline{\text{YWP}}\overline{\text{E}}\overline{\text{ECE}}\overline{\text{NACEBHC}}$ (virá a ser impiedoso)” é semelhante a “*neglectus religionum [...] statuatur* (a negligência das religiões [...] será estabelecida)”, embora o texto latino evite atribuir ao Egito a prática direta da impiedade. A oração “ $\overline{\text{CNA}}\overline{\text{YWP}}\overline{\text{E}}\overline{\text{ECE}}\overline{\text{NACEBHC}}$ (virá a ser impiedoso)” não tem correspondente direto no texto latino. Não há dúvida de que a prática da impiedade é atribuída aos *alienigeni*, que, após encherem o Egito, não apenas se estabelece a

⁵³ NH VI.8 (70. 30-36): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 173; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 18-19, 460, 447, n. 61.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

negligência dos [cultos] religiosos, mas também impõem sua proibição sob pena prescrita.

Como é comum, o texto latino adota a triplicação de termos: *religio*, *pietas*, *cultus diuinus*, os quais correspondem ao copta $\omega\bar{m}\omega\epsilon\ \bar{m}\bar{p}\bar{n}\bar{o}\bar{y}\bar{t}\bar{e}$ (cultuar Deus) ou mesmo a $\text{CEBEC}\theta\alpha\iota\ \bar{m}\bar{p}\bar{n}\bar{o}\bar{y}\bar{t}\bar{e}$ (reverenciar Deus) – objeto da proibição. O latim, portanto, opta por substantivar o que no copta aparece como verbo ($\omega\bar{m}\omega\epsilon$, $\text{CEBEC}\theta\alpha\iota$), remetendo ao substantivo grego $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ (piedade, devoção). Poder-se-ia deduzir que, se a $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ foi proibida, o Egito inevitavelmente se tornou $\acute{\alpha}\sigma\epsilon\beta\acute{\eta}\varsigma$ (ímpio).⁵⁴ Destarte, a impiedade não é resultado direto da proibição, mas sim da negligência. A proibição é um agravamento da impiedade. No entanto, a $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ é a disciplina ou ciência do cuidado ou serviço para com os deuses ($\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha\ \acute{\epsilon}\pi\iota\sigma\tau\acute{\eta}\mu\eta\ \theta\epsilon\omega\bar{\nu}\ \theta\epsilon\rho\alpha\pi\epsilon\iota\alpha\varsigma$).⁵⁵ A expressão *neglectus religionum* corresponde precisamente ao conceito grego de $\acute{\alpha}\sigma\epsilon\beta\epsilon\iota\alpha$ (impiedade). Assim, $\text{CNA}\omega\psi\omega\pi\epsilon\ \epsilon\epsilon\epsilon\ \bar{n}\acute{\alpha}\text{CEBHC}$ (virá a ser impiedoso)” corresponde a “*neglectus religionum* [...] *statuetur* (a negligência das religiões [...] será estabelecida)”.

⁵⁴ A palavra $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ [eusebeia] é um substantivo derivado da palavra $\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\beta\acute{\eta}\varsigma$ [eusebēs], do qual também se deriva o verbo $\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\beta\acute{\epsilon}\omega$ [eusebeō]. O termo $\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\beta\acute{\eta}\varsigma$ [eusebēs], por sua vez, é um adjetivo deverbativo, ou seja, derivado do verbo $\sigma\acute{\epsilon}\beta\omicron\mu\alpha\iota$ [sebomai] que se apresenta na voz média do verbo $\sigma\acute{\epsilon}\beta\omega$ [sebō]. O advérbio $\epsilon\tilde{\upsilon}$ [eu] toma a forma de um prefixo ou um advérbio prefixal na palavra $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ [eusebeia]. O advérbio $\epsilon\tilde{\upsilon}$ [eu] significa *bem*. Sobre a palavra grega $\epsilon\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ [eusebeia] e $\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\beta\acute{\eta}\varsigma$ [eusebēs], cf. RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, *op. cit.*, p. 207, 415; MORWOOD, James; TAYLOR, John (eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*, *op. cit.*, p. 145, 289; BETTS, Gavin. *Complete Latin*, *op. cit.*, p. 409; DODD, C.H. (Charles Harold). *The Bible and the Greeks*, *op. cit.*, p. 60, 77, 173-174, 179, 199; LIRA, David Pessoa de. “Eusebeia, Gnosis e Episteme: um diálogo atual entre conhecimento piedoso e ciência no *Corpus Hermeticum*”. In: SCHAPER, Valério G.; WESTHILLE, Vítor; OLIVEIRA, Kathlen L. de; GROSS, Eduardo. *Deuses e Ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2010, p. 133-143.

⁵⁵ *Stoic. Vet. Fr. III. fr. 264.40; 273.11; 604.11; 608.25: STOICORVM VETERVM FRAGMENTA: Chrysippi Fragmenta Moralia, Fragmenta Successorum Chrysippi. Collegit Ioannes Ab Arnim. Stuttgart: B. G. Tenbner Verlagsgesellschaft mbH, 1964. v. 3. 64, 67, 157; Stoic. Vet. Fr. II. fr. 1017, 18: STOICORVM VETERVM FRAGMENTA: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica. Collegit Ioannes Ab Arnim. Stuttgart: B. G. Tenbner Verlagsgesellschaft mbH, 1964. v. 2, p. 304;*



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

No texto copta, o sintagma *sedes delubrorum atque templorum* não passa de uma duplicação para $\overline{\rho}\overline{\pi}\overline{\epsilon}$ (templo). Já $\overline{\omicron}\overline{\upsilon}\overline{\tau}\overline{\epsilon}\ \overline{\epsilon}\overline{\varsigma}\overline{\alpha}\overline{\mu}\overline{\omicron}\overline{\upsilon}\overline{\gamma}\overline{\alpha}\ \overline{\alpha}\overline{\nu}\ \overline{\eta}\overline{\eta}\overline{\nu}\overline{\omicron}\overline{\upsilon}\overline{\tau}\overline{\epsilon}$ (nem cheio de Deus), esse trecho não tem correspondente no texto latino.

g) As orações “*et inhabitabit Aegyptum Scythes aut Indus aut aliquis talis, id est uicina barbaria* (enquanto um cita ou um indiano ou algum semelhante, isto é, *povos* bárbaros vizinhos, habitará o Egito)” e “ $\overline{\alpha}\overline{\gamma}\overline{\omega}\ \overline{\pi}\overline{\nu}\overline{\alpha}\overline{\rho}\overline{\nu}\overline{\alpha}\overline{\rho}\overline{\omicron}\ \overline{\eta}\overline{\alpha}\overline{\varsigma}\overline{\omega}\overline{\tau}\overline{\pi}\ \overline{\eta}\overline{\zeta}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\omicron}\ \overline{\epsilon}\overline{\rho}\overline{\omicron}\overline{\kappa}\cdot\ \overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\omicron}\overline{\kappa}\ \overline{\omega}\ [\overline{\pi}]\overline{\rho}\overline{\eta}\overline{\eta}\overline{\kappa}\overline{\eta}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\ \overline{\zeta}\overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\epsilon}\overline{\mu}\overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\nu}\overline{\omicron}\overline{\upsilon}\overline{\tau}\overline{\epsilon}\ \overline{\eta}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\varsigma}\overline{\kappa}\overline{\gamma}\overline{\theta}\overline{\eta}\overline{\varsigma}\ \overline{\eta}\overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\zeta}\overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\cdot\ \overline{\eta}\overline{\beta}\overline{\epsilon}\ \overline{\eta}\overline{\tau}\overline{\epsilon}\overline{\iota}\overline{\mu}\overline{\iota}\overline{\nu}\overline{\epsilon}$ (E o bárbaro será escolhido mais do que tu, / [digo,] tu, ó Egípcio, em sua religião, quer seja cita, quer sejam hindus / ou algum mais dessa sorte)” não estão abordando a mesma ideia.⁵⁶ O texto copta está falando da superioridade dos bárbaros em detrimento dos egípcios no que diz respeito à religião. Isso vem carregado de uma crítica retórica seguida de uma pergunta retórica que não se encontra no texto latino, a saber, “ $\overline{\omicron}\overline{\gamma}\ \overline{\Delta}\overline{\epsilon}\ \overline{\pi}\overline{\epsilon}\overline{\tau}\overline{\chi}\overline{\omega}\ \overline{\mu}\overline{\mu}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\ \overline{\epsilon}\overline{\rho}\overline{\eta}\overline{\eta}\overline{\kappa}\overline{\eta}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\cdot\ \overline{\varsigma}\overline{\epsilon}\overline{\eta}\overline{\alpha}\overline{\kappa}\overline{\omega}\ \overline{\gamma}\overline{\alpha}\overline{\rho}\ \overline{\eta}\overline{\varsigma}\overline{\omega}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\ \overline{\eta}\overline{\kappa}\overline{\eta}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\ \overline{\alpha}\overline{\nu}$ (E o que digo sobre ele, o egípcio? / Pois [os egípcios] não deixarão o Egito para trás?)”.

i) Ao cotejar as sentenças “*superstes uero qui foret, lingua sola cognoscetur Aegyptius, actibus uero uidebitur alienus* (Mas aquele que for sobrevivente será conhecido apenas pela língua como egípcio, mas pelos atos parecerá um estrangeiro)” e $\overline{\varsigma}\overline{\epsilon}\overline{\eta}\overline{\alpha}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\overline{\epsilon}\overline{\gamma}\overline{\epsilon}\ \overline{\mu}\overline{\epsilon}\overline{\eta}\overline{\nu}\ \overline{\epsilon}\overline{\rho}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\ \overline{\chi}\overline{\epsilon}\ \overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\rho}\overline{\eta}\overline{\eta}\overline{\kappa}\overline{\eta}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\ \overline{\pi}\overline{\epsilon}\ \overline{\epsilon}\overline{\tau}\overline{\beta}\overline{\epsilon}\ \overline{\tau}\overline{\epsilon}\overline{\mu}\overline{\alpha}\overline{\varsigma}\overline{\pi}\overline{\epsilon}\ \overline{\mu}\overline{\pi}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\overline{\zeta}\ \overline{\varsigma}\overline{\omicron}\overline{\pi}\overline{\eta}\ \overline{\varsigma}\overline{\eta}\overline{\alpha}\overline{\gamma}\cdot\ \overline{\omega}\ \overline{\alpha}\overline{\varsigma}\overline{\kappa}\overline{\lambda}\overline{\eta}\overline{\pi}\overline{\iota}\overline{\epsilon}\ \overline{\alpha}\overline{\zeta}\overline{\rho}\overline{\omicron}\overline{\kappa}\ \overline{\epsilon}\overline{\kappa}\overline{\rho}\overline{\iota}\overline{\mu}\overline{\epsilon}\cdot\ \overline{\mu}\overline{\eta}\overline{\alpha}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\omega}\overline{\eta}\overline{\zeta}\ \overline{\epsilon}\overline{\beta}\overline{\omicron}\overline{\lambda}\ \overline{\zeta}\overline{\omega}\overline{\varsigma}\ \overline{\alpha}\overline{\lambda}\overline{\lambda}\overline{\omicron}\overline{\phi}\overline{\gamma}\overline{\lambda}\overline{\omicron}\overline{\varsigma}\ \overline{\kappa}\overline{\alpha}\overline{\tau}\overline{\alpha}\ \overline{\eta}\overline{\epsilon}\overline{\gamma}\overline{\zeta}\overline{\beta}\overline{\eta}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\epsilon}$ (De fato acharão que ele é um egípcio por causa da sua língua em um segundo tempo. / Ó Asclépio, por que tu lamentas? / Ele parecerá como *alóctones* segundo os costumes dele)”, percebe-se que a pergunta “ $\overline{\omega}\ \overline{\alpha}\overline{\varsigma}\overline{\kappa}\overline{\lambda}\overline{\eta}\overline{\pi}\overline{\iota}\overline{\epsilon}\ \overline{\alpha}\overline{\zeta}\overline{\rho}\overline{\omicron}\overline{\kappa}\ \overline{\epsilon}\overline{\kappa}\overline{\rho}\overline{\iota}\overline{\mu}\overline{\epsilon}$ (Ó Asclépio, por que tu lamentas?)” ocorre no texto latino depois dessa passagem: “*Quid fles, o Asclepi ?*” (*Ascl.* 25).⁵⁷

A análise comparativa entre os textos do *Asclepius* 24 e o $\overline{\lambda}\overline{\omicron}\overline{\gamma}\overline{\omicron}\overline{\varsigma}\ \overline{\tau}\overline{\epsilon}\overline{\lambda}\overline{\epsilon}\overline{\iota}\overline{\omicron}\overline{\varsigma}$ revela diferenças significativas na abordagem, na construção retórica e na universalização das ideias. O texto latino do *Asclepius* adota um tom mais elaborado e apocalíptico, caracterizado por sua retórica florida, pelo uso de estruturas interrogativas e por uma narrativa mais profética. Já o texto copta apresenta uma formulação mais direta e

⁵⁶ NH VI.8 (71. 5-9): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte, op. cit.*, t. 2, p. 175.

⁵⁷ NH VI.8 (71. 23-29): MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte, op. cit.*, t. 2, p. 177.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

descritiva, com uma estrutura mais concisa e objetiva. Além disso, o *Asclepius* contém repetições e variações estilísticas que enfatizam a dramaticidade da profecia, enquanto o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* tende a sintetizar essas ideias em termos mais diretos. Exemplo disso é a duplicação de expressões latinas como *pia mente* e *sedula religione*, que, no copta, são condensadas na expressão *TMNTNOYTE*, a qual engloba os conceitos de religião, piedade e culto. Outro ponto relevante é a forma como a destruição do Egito e a perda da presença divina são descritas. O texto latino enfatiza a privação religiosa e a desolação espiritual do Egito, utilizando expressões como *terra nostra mundi totius est templum* e *sedes delubrorum atque templorum*, enquanto o texto copta apresenta um vínculo mais direto entre o abandono dos deuses e a morte dos egípcios, reforçando o impacto material da profecia.

No que diz respeito à ocupação estrangeira e à repressão religiosa, a versão copta é mais explícita ao indicar que os egípcios serão proibidos de cultuar Deus (*CEHAKWΛYE MHOOY ETPEYMHYE MHNOYTE*), além de destacar a punição imposta àqueles que persistirem na devoção. O *Asclepius*, por outro lado, mantém uma formulação mais impessoal e genérica, sem indicar explicitamente os sujeitos afetados.

A análise comparativa entre *Asclepius* 24 e o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* NH VI.8 (70.3-71.29) evidencia não apenas diferenças linguísticas e estilísticas, mas também variações na ênfase e na construção retórica de cada versão. O texto latino, marcado por uma retórica mais elaborada e universalizante, busca ampliar a mensagem e enfatizar uma perspectiva apocalíptica e fatalista, enquanto o texto copta adota uma abordagem mais direta e específica, frequentemente associada ao contexto egípcio.

As diferenças estruturais, como o uso de frases interrogativas no latim e construções mais diretas no copta, refletem não apenas escolhas tradutológicas, mas também adaptações culturais e teológicas. O latim tende à amplificação de ideias e ao uso de paralelismos e duplicações, conferindo maior dramaticidade à narrativa. Já o copta se caracteriza por uma economia de palavras, condensando conceitos religiosos e utilizando expressões que remetem ao contexto egípcio de maneira mais direta. Além disso, o uso de termos específicos, como a substituição de “homem” (*homo*) no latim por *HPMHKHE* (os egípcios) no copta, sugere uma adaptação cultural do texto, reforçando a importância do Egito como protagonista da narrativa. A omissão ou



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

adição de determinados elementos em cada versão aponta para uma diferenciação na transmissão da mensagem, seja por convenções linguísticas, seja por estratégias discursivas voltadas a públicos distintos. Dessa forma, o cotejamento revela que, apesar de compartilharem um núcleo temático comum, as versões do *Asclepius* e do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* NH VI.8 (70.3-71.29) apresentam nuances que evidenciam tanto variações na transmissão textual quanto diferenças na construção do discurso religioso e filosófico.

IV. O biculturalismo greco-egípcio

A tentativa de explicar que o *Asclepius* 24 e o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-71.29) constituem um apocalipse egípcio produzido por um grupo específico de pessoas que se sentiram inferiorizadas e despossuídas de sua tradição religiosa anterior não pode ser considerada de forma absoluta e inequívoca. Se esse texto for concebido como pertencente ao gênero apocalíptico, o contexto social do autor acaba sendo restrito ao âmbito dos *retainers* sacerdotais — sobretudo se a análise se basear apenas em um documento para confirmar perseguições e proibições legais, como a *Epístola do Prefeito contra o Charlatanismo* (P. Yale Inv. 299 ou P. Coll. Youtie I 30).⁵⁸

Compreender o *Asclepius* 24 e o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-71.29) como reflexo de um enquadramento sociocultural de dissidentes que se opunham a uma sociedade dominante implica buscar a origem do *apocalipsismo* no estrato superior ou nos grupos de *retainers* — indivíduos destituídos do poder que passaram a formar círculos promotores de discursos apocalípticos, como no caso dos sacerdotes.⁵⁹

⁵⁸ REA, John. A New Version of P. Yale Inv. 299. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Bd. 27 (1977), p. 151-156; HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, *op. cit.*, p. 74; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, *op. cit.*, p. 443, n. 49; 447-449.

Christian Bull é totalmente influenciado pela área do Novo Testamento. Ele tem uma percepção aos teólogos alemães sobre a história social do protocristianismo ao interpretar o movimento do *apocalipsismo*. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 174-176.

⁵⁹ STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*, *op. cit.*, p. 174-176.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

As tensões sociais entre nativos egípcios, *alieni*, *alienigeni*, ἀλλόφυλοι, estrangeiros peregrinos (ξένοι) e egípcios helenizados eram bem mais complexas do que se possa imaginar. A natureza e o objetivo da *Epístola do Prefeito contra o Charlatanismo* (P. Yale Inv. 299 ou P. Coll. Youtie I 30) claramente só podem levar à conclusão de que havia uma perseguição aos sacerdotes egípcios. Há outros tipos de documentos, por exemplo, jurídicos, em forma de denúncias e queixas a autoridades e estrategos que registram tensões entre egípcios, greco-romanos, grego-egípcios assentados, egípcios helenizados e estrangeiros peregrinos (ξένοι) no Egito, como gregos e romanos. Essas tensões não se restringiam a um determinado grupo, estrato social ou região específica. Ademais, esses documentos não se limitam apenas a grupos que foram destituídos do poder, mas também incluem aqueles que há muito tempo eram marginalizados e pertenciam aos estratos inferiores da sociedade ou que ocupam certos privilégios sociais. Além disso, há outras leis e editos que ampliam a compreensão sobre o biculturalismo greco-egípcio e as tensões culturais e sociais da época.

No entanto, classificar o *Asclepius* 24 e o *λογος τελειος* (NH VI.8, 70.3-71.29) como meras predições apocalípticas ou escatológicas pode não ser a abordagem mais adequada.⁶⁰ Poder-se-ia mencionar, por exemplo, uma situação oposta de perseguição. Os sacerdotes dos *Serapeia* eram geralmente de origem grega. Já no Egito ptolomaico, no século II a.E.C., há registros de denúncias de rechaço e violência por parte dos egípcios contra os sacerdotes do deus Serápis por serem de origem grega (παρὰ τὸ Ἑλληνά με εἶναι). Um testemunho desse tipo de rechaço é abordado no documento *Os Ataques dos καλλονται* – que é uma denúncia contra egípcios.⁶¹

⁶⁰ MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*, op. cit., t. 2, p. 68-97; HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination*, op. cit., p. 74; BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus*, op. cit., p. 443-444. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*, op. cit., p. 174-176.

⁶¹ [DIE ÜBERFÄLLE DER καλλονται](#). upz.1.pg648 = HGV UPZ 1 S. 648 = Trismegistos 3398 = upz.1.7; LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon*, op. cit., p. 1304; RUPPRECHT, Hans-Albert. Griechen und Ägypter – Vielfalt des Rechtslebens nach den Papyri. In: THÜR, Gerhard (Hg.). *Antike Rechtsgeschichte: Einheit und Vielfalt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005, p. 24; HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 4; BARB, A. A. "Mystery, Myth, and Magic". In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 154; IVERSEN, Erik. "The Hieroglyphic Tradition". In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 171;



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

No contexto egípcio, por volta do século III E.C., a palavra ἄλλόφυλος se referia a indivíduos que estavam assentados em um determinado nomo ou metrópole grega (μητρόπολις) ou que possuíam algum vínculo familiar e parentesco no local. O termo designava uma pessoa que não fazia parte de um grupo étnico específico, como os egípcios, sendo, portanto, um estrangeiro gentio – distinto de um bárbaro, que era um não helenizado. Essa palavra era comumente traduzida para o latim como alienigēna. No entanto, os ἄλλόφυλοι eram habitantes estabelecidos na localidade e não deveriam ser confundidos com os ξένοι – estrangeiros peregrinos, não residentes e sem qualquer laço familiar na cidade. Um ξένος poderia ser uma pessoa nascida em uma μητρόπολις ou nomo no Egito, mas que residia em outra região.⁶²

É verdade que havia menosprezo ou desprezo pelo fato de uma pessoa ser egípcia, especialmente em contextos de abuso de poder militar em territórios ocupados. Além disso, a referência a um egípcio quase sempre carregava um tom de menosprezo. Um exemplo disso pode ser encontrado na expressão “sabes como são os egípcios” ou “conheces o [hábito] dos egípcios (οἶδας γὰρ τὸ τῶν Αἰγυπτίων)”, presente nas *Cartas a Arquelau*.⁶³ Os egípcios helenizados ou os gregos egípcios frequentemente tentavam se justificar para não serem considerados bárbaros ou para evitar a associação com a imagem negativa de um egípcio visto como desumano, insensível ou irracional, refletindo a profunda desigualdade imposta aos nativos egípcios. Um exemplo disso

PRÉAUX, Claire. Graeco-Roman Egypt. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 339-340; FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes*, *op. cit.*, p. 18-19.

⁶² RUPPRECHT, Hans-Albert. “Griechen und Ägypter – Vielfalt des Rechtslebens nach den Papyri”. In: THÜR, Gerhard (Hg.). *Antike Rechtsgeschichte: Einheit und Vielfalt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005, p. 24, n. 22; LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon. Revised and Augmented by Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie with the Cooperation of many scholars. With Revised Supplement*. Oxford: At the Clarendon Press, 1996, p. 71; GLARE P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Reprinted with corrections. Oxford: At the Clarendon Press, 2015. 2v. 1, p. 106; cf. TLA lemma no. C8186 (ἄλλοφυλος), in: [Coptic Dictionary Online](#), ed. by the Koptische/Coptic Electronic Language and Literature International Alliance (KELLIA). Cf. a palavra ωμμο em CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*, *op. cit.*, p. 565-566. Cf. também GASCOU, Jean. Les ἄλλόφυλοι. In: *Revue des Études Grecques*, 110 (2) (1997), p. 285-294.

⁶³ [LETTERS TO ARCHELAUS](#), p.oxy.42.3061 = HGV P.Oxy. 42 3061 = Trismegistos 25081. RUPPRECHT, Hans-Albert. Griechen und Ägypter – Vielfalt des Rechtslebens nach den Papyri. In: THÜR, Gerhard (Hg.). *Antike Rechtsgeschichte: Einheit und Vielfalt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005, p. 25.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

está na *Carta de Amônio a Júlio e Hilario*, em que Amônio tenta se defender ao afirmar que talvez Júlio e Hilario o considerem um bárbaro ou um egípcio desumano: “ἴσως με νομίζετε, ἄδελφοί, βάρβαρόν τινα ἢ Αἰγύπτιον ἄνθρωπον εἶναι”.⁶⁴ Pode-se deduzir daí que o contato entre egípcios e gregos, iniciado com a conquista macedônica em 332 a.E.C., resultou em uma convivência de duas tradições culturais distintas que, embora coexistissem, não se fundiram completamente. O Egito não foi meramente helenizado, mas sim apropriado pelos gregos de maneira seletiva, de modo que sua sociedade permaneceu segmentada entre a cultura urbana grega e as tradições egípcias enraizadas nas aldeias.

Dessa forma, dois legados culturais distintos emergiram: o da Alexandria grega, fortemente influenciada pelos ideais da pólis clássica, e o da população egípcia tradicional, que preservou sua religião, sua escrita e sua visão de mundo. A fusão dessas heranças foi mínima, tornando o Egito um espaço de *biculturalismo* ou *multiculturalismo* mais do que de completa assimilação.⁶⁵

Não se pode descartar o fato ter sido garantida uma continuidade da cultura egípcia, em grande parte, pela preservação de sua religião e da classe de escribas e intelectuais nativos, o que possibilitou a manutenção da língua e de um padrão de pensamento autóctone.⁶⁶

⁶⁴ [LETTER OF AMMONIUS TO JULIUS AND HILARUS](#), p.oxy.14.1681 = HGV P.Oxy. 14 1681 = Trismegistos 31789; RÜGGEMEIER, Jan. “Alexandria: Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021, p. XLVIII, n. 212; RUPPRECHT, Hans-Albert. Griechen und Ägypter – Vielfalt des Rechtslebens nach den Papyri. In: THÜR, Gerhard (Hg.). *Antike Rechtsgeschichte: Einheit und Vielfalt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005, p. 25, n. 23;

⁶⁵ FEWSTER, Penelope. “Bilingualism in Roman Egypt”. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 241-245; PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 323-325.

⁶⁶ FEWSTER, Penelope. “Bilingualism in Roman Egypt”. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*, op. cit., p. 224-228; MARAVELA, Anastasia. “Greek Meets Egyptian at the Temple Gate: Bilingual Papyri from Hellenistic and Roman Egypt (Third Century BCE–Fourth Century CE)”. In: PAVLENKO, Aneta (ed.). *Multilingualism and history*. Cambridge University Press, 2023, p. 58-64; PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 323-325.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Não obstante, paralelamente, a exclusão dos egípcios da cidadania nas cidades helenísticas, especialmente em Alexandria, contribuiu para a separação entre gregos e egípcios. O acesso ao universo cultural grego era restrito: as instituições de imersão na cultura grega, como os ginásios, estavam reservadas às elites metropolitanas ou urbanas greco-romanas, cujo *status* social estava atrelado à cultura grega, excluindo grupos como os judeus de Alexandria e os habitantes das aldeias egípcias. Mesmo sob domínio romano, essa distinção persistiu: a população egípcia ainda era identificada por sua língua e seu estilo de vida, considerados rústicos (campesinos, interioranos, agrários) em comparação com o ambiente urbano grego.⁶⁷

Um fragmento do Édito de Caracala (188 E.C. - 217) sobre a expulsão dos camponeses egípcios (Αἰγύπτιοι) de Alexandria em 215 E.C. no ano de 215 *Papyri Gissenses* I, 40 (*P. Giess.* 40, col. 2, ll. 16–29), parte da coleção papirológica da Universidade de Gießen. O *P. Giess.* 40, col. 2, ll. 16-29 contém trecho de um decreto imperial emitido por Caracala, ordenando a expulsão dos camponeses egípcios de Alexandria. Esse documento raro que atesta a política repressiva de Caracala contra os egípcios nativos, refletindo as tensões entre o poder imperial romano e a população de Alexandria. Esse papiro é uma das poucas evidências diretas das medidas tomadas por Caracala na cidade, inserindo-se no contexto da sua visita em 215 d.C., quando ordenou um massacre da elite alexandrina e punições severas contra os habitantes.⁶⁸

Há uma clara distinção (καὶ εὐμαρῶς ἐ[ύ]ροισ[κ]εσθαι δύναται) entre os egípcios que estavam em Alexandria e os habitantes alexandrinos (Αἰγύπτιοι πάντες, οἳ εἰσιν ἐν Ἀλεξανδρείᾳ) (*P. Giess.* 40, col. 2, ll. 17-18).⁶⁹ Nas cidades helenísticas, os campesinos

⁶⁷ PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 324-325; FEWSTER, Penelope. “Bilingualism in Roman Egypt”. In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 242.

⁶⁸ *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents*. Translated by A. S. Hunt, C. C. Edgar. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1934, v. 2, p. 90-93; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#); PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 325.

⁶⁹ *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents, op. cit.*, v. 2, p. 90; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#).



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

egípcios fugitivos não eram bem-vindos. No entanto, havia egípcios que buscavam a vida mais culta (urbana, civilizada) dos greco-romanos em Alexandria e que não deveriam ser evitados (οὐχὶ μέντοι τὴν πόλιν τὴν Ἀλεξανδρέων τὴν λαμπροτάτην {ην} ἰδεῖν θέλον[τ]ες εἰς αὐτὴν συνέρχονται ἢ πολειτικώτερας ζωῆς ἔνεκεν) (*P. Giss.* I, 40, col. II, 24-26).⁷⁰ Entretanto, é interessante perceber que os ‘verdadeiros’ egípcios (οἱ ἀληθινοὶ Αἰγύπτιοι) poderiam ser facilmente reconhecidos entre os vendedores de linho (λινούφοι) pela fala ou pela aparência e vestimenta de outros (estrangeiros, estranhos) (ἄλλων ὄψεις τε καὶ σχῆμα). Além disso, o que revelava seus aspectos campesinos, rústicos e interioranos era a maneira de viver e os hábitos opostos ao modo urbano de vida. Como se afirma: “ἐπιγινώσκεισθαι γὰρ εἰς τοὺς λινούφ[ο]υς οἱ ἀληθινοὶ Αἰγύπτιοι δύνανται εὐμαρῶς φωνῇ ἢ ἄλλων [αὐτ]οὶ ἔχειν ὄψεις τε καὶ σχῆμα. ἔτι τε καὶ ζω[ῇ] δεικνύει ἐναντία ἥθη ἀπὸ ἀναστροφῆς [πο]λειτικῆς εἶναι ἀγροίκους Αἰγυπτίους” (*P. Giess.* 40, col. 2, ll. 26-29).⁷¹ Por causa das interpolações no texto, a tradução pode ser submetida a várias interpretações.⁷²

A oração “ἐπιγινώσκεισθαι γὰρ εἰς τοὺς λινούφ[ο]υς οἱ ἀληθινοὶ Αἰγύπτιοι δύνανται εὐμαρῶς φωνῇ ἢ ἄλλων [αὐτ]οὶ ἔχειν ὄψεις τε καὶ σχῆμα” pode ser entendida de outra forma. Ela pode sugerir que os egípcios eram vistos como imitando ou adotando a aparência e a vestimenta de outros, possivelmente para se misturar ou obter vantagens sociais, mas ainda eram distinguíveis por seus maneirismos e estilo de vida. Assim, os egípcios eram mais identificáveis pela fala do que pela aparência e vestes, que os faziam

⁷⁰ *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents, op. cit., v. 2, p. 92*; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#).

⁷¹ *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents, op. cit., v. 2, p. 92*; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#); RÜGGEMEIER, Jan. “Alexandria: Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021, p. XLVIII.

⁷² RÜGGEMEIER, Jan. Alexandria: “Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021, p. XLVIII, n. 213.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

se confundir com os ἄλλοι, *alieni*, *alienigeni*, ἄλλόφυλοι.⁷³ Isso estaria diametralmente em concordância com o texto do *Asclepius* 24 e do ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ (NH VI.8, 70.3-71.29). Em todo caso, a incidência de ἄλλων no texto refere-se ao reconhecimento dos egípcios não apenas pela fala, mas também por ‘outros’ aspectos, como aparência e vestimentas.⁷⁴ Isso levaria à seguinte tradução da oração subsequente: “Ἔτι τε καὶ ζω[ῆ] δεικνύει ἐναντία ἥθη ἀπὸ ἀναστρωφῆς [πο]λειτικῆς εἶναι ἀγροίκους Αἰγυπτίους”: ‘Além disso, em sua vida, os hábitos contrários ao modo cívico (urbano) demonstram que eles são egípcios camponeses (tradução própria)’. É importante lembrar que o conteúdo do Édito não é um texto feito por um egípcio, mas sim por um romano. Um romano jamais se referiria a eles como “outros” no sentido de pertencimento, mas sim como uma distinção entre “nós” e “eles”, reforçando a alteridade dos egípcios em relação à identidade greco-romana.⁷⁵

Decretos administrativos, como o do prefeito Ápio Sabino em 250 E.C. (do imperador Caracala), que diferenciavam os camponeses nativos dos cidadãos urbanos (greco-egípcios, egípcios helenizados, gregos ou romanos) reforçaram o sentimento antiurbano e, conseqüentemente, a resistência à influência grega.⁷⁶

O estudo do *biculturalismo* greco-egípcio revela uma dinâmica social e cultural complexa, marcada por tensões, interações e adaptações entre diferentes grupos. A interação social e cultural entre gregos, romanos e egípcios era complexa e multifacetada. O sentimento do autor do do Λόγος Τέλειος está misturado ao sentimento de vários grupos desde um grupo de *retainers* que perdeu seu *status* social a grupos diversos de um estrato social menos privilegiado de qualquer coisa na sociedade sob o domínio romano. Não se pode afirmar isso ou aquilo dos embates sociais no *Asclepius* 24 e no ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ (NH VI.8, 70.3-71.29) em termos excludentes.

⁷³ Cf. a tradução de Hunt e Edgar em *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents, op. cit.*, v. 2, p. 93; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#).

⁷⁴ RÜGGEMEIER, Jan. “Alexandria: Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tuebingen: Mohr Siebeck, 2021, p. XLVIII, n. 213.

⁷⁵ BETTS, Gavin. *Complete Latin*. London: Hodder Education; New York: McGraw Hill, 2010, p. 34.

⁷⁶ PRÉAUX, Claire. “Graeco-Roman Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 325.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Assim, o *Λόγος Τέλειος* se refere à identidade egípcia em um nível linguístico, como demonstram as passagens: “*ΣΕΝΔΜΕΕΥΕ ΜΕΝ ΕΡΟQ ΧΕ ΟΥΡΜΝΚΗΜΕ ΠΕ ΕΤΒΕ ΤΕQΔCΠΕ ΜΠΜΕΖ CΟΠ` CΝΔΥ* (De fato, acharão que ele é um egípcio por causa da sua língua em um segundo tempo)” e “*Superstes vero qui foret, lingua sola cognoscetur Aegyptius* (Mas aquele que for sobrevivente será conhecido apenas pela língua como egípcio)”. No entanto, essas passagens não indicam necessariamente que os falantes estivessem usando a língua egípcia, mas sim que possivelmente falavam grego com um sotaque (φωνή) egípcio, como foi visto no *P. Giess.* 40, col. 2, ll. 26-29,⁷⁷ já que a palavra copta *ΔCΠΕ* significa tanto língua como discurso ou fala.⁷⁸

O grego do *Corpus Hermeticum* e dos tratados herméticos em geral é aticizante (ou aticista). Esse termo refere-se a um grego helenístico ou *koinē* que seguia os padrões literários do grego clássico, especificamente o ático dos autores dos séculos IV e V a.E.C. Como os textos herméticos foram produzidos em grego (um grego cheio de aticismo), pode-se perceber que os autores herméticos não estavam distantes das elites instruídas de Alexandria.⁷⁹

⁷⁷ *SELECT PAPYRI, Volume II: Public Documents, op. cit.*, v. 2, p. 92; [DREI ERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215, p. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377](#); RÜGGEMEIER, Jan. “Alexandria: Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021, p. XLVIII.

⁷⁸ CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary, op. cit.*, p. 18.

⁷⁹ LIRA, David Pessoa de. “Os Aspectos Literários do *Corpus Hermeticum*”. In: TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum Græcum*. prefácio, introdução, tradução e glossário grego-português de David Pessoa de Lira. São Paulo: Editora Cultrix, 2023, p. 79; LIRA, David Pessoa de. *Grego antigo instrumental*. João Pessoa: Ideia, 2021, p. 20; LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento, op. cit.*, p. 97; McLEAN, Bradley H. *Hellenistic and Biblical Greek*. Cambridge University Press, 2014, p. 20; JOHNSON, Luke Timothy. *Among the Gentiles: Greco-Roman Religion and Christianity*. New Haven; London: Yale University Press, 2009, p. 84-85; MAHÉ, Jean-Pierre. “Hermes Trismegistos”. In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*. Detroit: Thompson/ Gale, 2005. v. 6, p. 3940; FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes, op. cit.*, p. 213; DODD, C.H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel, op. cit.*, p. 11; SCHMID, Wilhelm. *Der Atticismus in seinen Hauptvertretern: von Dionysius von Halikarnass bis auf den zweiten Philostratus*. Hildesheim: Olms, 1964. *Passim*.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

O autor hermético não pode se referir a esse problema de identidade egípcia em nível linguístico e resolvê-lo facilmente. Sua origem grega torna a situação ainda mais complexa, refletindo a interação entre gregos e egípcios ao longo de séculos, que resultou em um cenário linguístico diversificado. No Egito romano, o bilinguismo era uma realidade: o grego predominava nos espaços públicos e administrativos, enquanto o egípcio era mais comum na esfera familiar e religiosa.⁸⁰

Deve-se pensar que a Literatura Hermética não foi produzida em um ambiente intimista, familiar e devocional, como frequentemente se imagina. Nesse contexto, a escolha do idioma dependia do ambiente e da finalidade da comunicação. Isso não significa, contudo, que os autores herméticos conhecessem apenas o grego. O uso dessa língua era essencial para garantir uma recepção mais ampla de seus textos, enquanto o não emprego do egípcio poderia representar uma exclusão da sociedade local.⁸¹

Apesar das evidências de bilinguismo nos escritos herméticos, assim como em outros documentos da época, predominantemente redigidos em grego, a compreensão do verdadeiro alcance da influência egípcia no cotidiano dos autores herméticos permanece limitada. O mesmo ocorre com as elites das metrópoles gregas, cuja relação com a língua e cultura egípcias nem sempre é plenamente visível nos registros escritos. O uso do grego como língua original, de fato, obscurece a percepção de como o egípcio foi falado e valorizado por esses autores, tornando mais difícil avaliar a profundidade dessa interação linguística e cultural.⁸²

Dessa maneira, o *biculturalismo* greco-egípcio não se trata de uma simples fusão de culturas, mas de uma convivência dinâmica, permeada por tensões, adaptações seletivas e resistências. A literatura hermética exemplifica essa complexidade ao refletir tanto a influência da tradição filosófica grega quanto a persistência dos elementos religiosos e identitários egípcios. O bilinguismo, longe de ser meramente funcional, tornou-se um marcador de pertencimento e exclusão, revelando as hierarquias sociais e culturais da época. Assim, ao analisar textos como o *Asclepius* 24 e o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-74.32), é fundamental considerar não apenas suas características linguísticas e

⁸⁰ FEWSTER, Penelope. "Bilingualism in Roman Egypt". In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 242.-243

⁸¹ FEWSTER, Penelope. "Bilingualism in Roman Egypt", *op. cit.*, p. 242.-243

⁸² FEWSTER, Penelope. "Bilingualism in Roman Egypt", *op. cit.*, p. 243-245.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

filosóficas, mas também seu papel dentro de um contexto histórico mais amplo de disputas identitárias e de resistência cultural. O *biculturalismo* demonstra que as tensões sociais, culturais e linguísticas do autor ou autores do *Λόγος Τέλειος* se perdem em um contexto multifacetado e com questões em aberto. Não é tão evidente o apocalipsismo como muitos imaginam e tampouco se pode manter uma hipótese sobre a língua do autor egípcio, já que ele escrevem em um grego *aticizante*.

Conclusão

Podemos considerar que as predições presentes nos §§ 24-26 do *Asclepius* latino e no *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta (NH VI.8, 70.3-74.32) são singulares dentro da Literatura Hermética. Embora sua tradição de origem seja debatida, sua inserção na tradição egípcia nativa é evidente, mesclada com influências platonizantes e estoicizantes. Esses textos, preservados ao longo do período helenístico e romano, passaram por modificações que enfatizaram aspectos escatológicos, sendo reinterpretados como profecias.

O *Asclepius* provavelmente foi composto até o século III E.C., com um fragmento grego sobrevivendo no papiro de *Mimaut* do século II E.C. Já o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* copta, do século IV E.C., já incorporava essas predições. A relação desses textos com o crescimento do cristianismo no Egito Romano é incerta, mas insere-se em um contexto de disputas religiosas e transformações sociopolíticas. O redator apropriou-se de material traditivo para construir um discurso escatológico, utilizando o Egito como referência central e ampliando sua significação para um contexto universalizado. Os temas abordados – cataclismos, impiedade, periodicidade, palingenesia e apocatástase – são típicos de profecias escatológicas.

No entanto, diferentemente do gênero apocalíptico tradicional, esses textos não enfatizam eventos sobrenaturais. Assim, configuram-se como uma profecia greco-egípcia de caráter escatológico, similar ao *Oráculo do Oleiro*, mas com uma abordagem centrada na experiência presente e pessoal.

O *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-74.32) se destaca entre os escritos herméticos encontrados na Biblioteca de *Nag Hammadi*. Sua estrutura predominante em tempo futuro sugere previsões ou afirmações categóricas sobre eventos esperados. O trecho



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

traduzido revela um *Chaosbeschreibung*, caracterizando-se por uma descrição do caos, na qual a condição espiritual e moral dos egípcios e de outros povos é abordada. Este estudo analisou a relação entre a versão copta e a versão latina do *Λόγος Τέλειος*, comparando suas diferenças linguísticas, estilísticas e conceituais. O exame dessas variantes evidenciou a influência do grego em ambas, situando-as em um espectro entre tradução literal (*verbum e verbo*) e tradução interpretativa (*sensus de sensu*).

Dessa forma, o estudo do biculturalismo greco-egípcio não pode ser reduzido a uma relação de dominação unilateral ou a uma simples fusão cultural. Pelo contrário, trata-se de um fenômeno dinâmico, permeado por tensões, resistências e adaptações recíprocas. A interação entre gregos, romanos e egípcios no contexto do Egito helenístico e romano revelou não apenas a complexidade das identidades culturais, mas também a importância da língua, da religião e do status social na definição das fronteiras entre os diferentes grupos.

Os textos herméticos, incluindo o *Asclepius* 24 e o *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ* (NH VI.8, 70.3-74.32), refletem esse cenário de disputas identitárias e sociais, evidenciando a preocupação de determinados grupos com a preservação de sua cultura e o temor de sua dissolução frente à hegemonia greco-romana. No entanto, longe de serem apenas expressões de resistência ou *apocalíptismo*, esses textos se inserem em um ambiente mais amplo de trocas intelectuais, onde a tradição egípcia foi reinterpretada e reformulada dentro de um horizonte helenizado.

Assim, o hermetismo deve ser entendido não apenas como uma expressão de lamento pela perda de uma tradição, mas como um testemunho da complexa interseção entre heranças culturais distintas. Essa leitura permite compreender o Egito ptolomaico e romano não como um espaço de assimilação absoluta, mas como um território de negociações identitárias constantes, onde a cultura egípcia encontrou formas de sobreviver e se redefinir diante das influências externas.

Fontes

APULEI PLATONICI MADAURENSIS. *De Philosophia Libri*. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig B. G. Teubner, 1921. v.3.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

- AUGUSTINE. *City of God: Against the Pagans. Books VIII – XI*. With an English Translation by David S. Wiesen. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1968.
- DIE ORACULA SIBYLLINA. Die griechischen christlichen Schriftsteller. Bearbeitet im Auftrage dern Kirchengväter-Commission der Königl. Preussischen Akademie der Wissenschaften von Joh. Gefpcken. Leipzig Hinrichs, 1902.
- [DIE ÜBERFÄLLE DER καλλωνταί. upz.1.pg648 = HGV UPZ 1 S. 648 = Trismegistos 3398 = upz.1.7.](#)
- [DREIERLASSE CARACALLAS aus den Jahren 212 und 215. P. giss.1.40 = HGV P. Giss. 1 40 = Trismegistos 19436 = chr.mitt.377.](#)
- HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. Paris: Les Belles Lettres, 2011, 2 t.
- HERMÈS TRISMÉGISTE. *Fragments Extraits de Stobée (XXIII -XXIX)*; *Fragments Divers*. *Fragments Extraits de Stobée (xxiii -xxix)* Texte établi et traduit par A. J. Festugière; *Fragments Divers*. Texte établi A. D. Nock et traduit par A. J. Festugière. Paris: Les Belles Lettres, 1954, t. 4.
- HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie: Codex VI Nag Hammadi, Codex Clarkianus 11 Oxoniensis, Définitions Hermétiques, divers*. Textes édités et traduit par Jean-Pierre Mahé. Paris: Les Belles Lettres, 2019, t. 5.
- HERMETICA: *the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985, v. 1.
- HERMETICA: *the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Notes on the *Corpus Hermeticum* by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985, v. 2.
- HERMETICA: *the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Notes on the Latin *Asclepius* and the *Hermetic Excerpts of Stobaeus* by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 3.
- HERMETICA: *The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English*. Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver. Cambridge University Press, 2000.
- [LETTER OF AMMONIUS TO JULIUS AND HILARUS](#). P.oxy.14.1681 = HGV P.Oxy. 14 1681 = Trismegistos 31789.
- [LETTERS TO ARCHELAUS](#). P.oxy.42.3061 = HGV P.Oxy. 42 3061 = Trismegistos 25081.
- NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI. Volume Editor Douglas M. Parrot. Leiden: E.J. Brill, 1978. v. 11. 553p. (The Coptic Gnostic Library. Edited with English translation, introduction and notes; published under the auspices of the Institute for Antiquity and Christianity).
- REA, John Rowland. "A New Version of P. Yale Inv. 299". In: *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* Bd. 27 (1977), p. 151-156. Published By: Dr. Rudolf Habelt GmbH.
- SAN AGUSTIN. *La Ciudad de Dios*. Edición bilingüe preparada por José Moran. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1958. t. 16-17.
- SELECT PAPYRI , *Volume II: Public Documents*. Translated by A. S. Hunt, C. C. Edgar. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1934. v. 2.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

STOICORVM VETERVM FRAGMENTA: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica. Collegit Ioannes Ab Arnim. Stuttgart: B. G. Tenbner Verlagsgesellschaft mbH, 1964. v. 2.

STOICORVM VETERVM FRAGMENTA: Chrysippi Fragmenta Moralia, Fragmenta Successorum Chrysippi. Collegit Ioannes Ab Arnim. Stuttgart: B. G. Tenbner Verlagsgesellschaft mbH, 1964. v. 3.

STOICORVM VETERVM FRAGMENTA: Quo Indices Continentur. Collegit Ioannes Ab Arnim. Conscripsit Maximilianus Adler. Stuttgart: B. G. Tenbner Verlagsgesellschaft mbH, 1964. v. 4.

Bibliografia

ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge University Press, 2004.

ATTRIDGE, Harold W. "Greek and Latin Apocalypses". In: *SEMELA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979, p. 159-187.

BARB, A. A. "Mystery, Myth, and Magic". In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 138-169.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003. 444p. (Coleção Signum).

BETTS, Gavin. *Complete Latin*. London: Hodder Education; New York: McGraw Hill, 2010.

BETTS, Gavin; HENRY, Alan. *Complete Ancient Greek*. London: Hodder and Stoughton; New York: McGraw Hill, 2010.

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. The University of Chicago Press, 2009.

BROCK, Sebastian. "Aspects of Translation Technique in Antiquity". In: *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 20(1) (1979), p. 69-87.

BULL, Christian H. *The tradition of Hermes Trismegistus: the Egyptian priestly figure as a teacher of Hellenized wisdom*. Leiden; Boston: Brill, 2018.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CHERIX, Pierre. *Lexique Copte: Dialecte Sabidique*. Bex (Genève): V.23.1, 131 p.

CLARKE, Graeme. "Third-century Christianity". In: BOWMAN, Alan; CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge University Press, 2007. v. 12. cap. 18, p. 589-671.

COLLINS, John J. "Introduction: Towards the Morphology of a Genre". In: *SEMELA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979, p. 1-20.

COPENHAVER, Brian P. "Introduction". In: *HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver*. Cambridge University Press, 2000, p. xiii-lxi.

COPENHAVER, Brian P. "Notes". In: *HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver*. Cambridge University Press, 2000, p. 93-260.

[Coptic Dictionary Online](#), ed. by the Koptische/Coptic Electronic Language and Literature International Alliance (KELLIA).



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque
 Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc
 Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco
 Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025
 ISSN 1676-5818

- CORBIER, Mireille. "Coinage and Taxation: The State's Point of View, A.D. 193-337". In: BOWMAN, Alan; CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (ed.). *The Cambridge Ancient History. The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge University Press, 2007, v. 12, cap. 12, p. 393-439.
- CRUM, Walter E. *A Coptic Dictionary*. With a new foreword by James M. Robinson. Eugene (Oregon, USA.): Wipf & Stock Publishers, 2005.
- DICIONÁRIO de Latim-Português, Português-Latim. Porto: Porto, 2010.
- DODD, C.H. (Charles Harold). *The Bible and the Greeks*. London: Hodder and Stoughton, 1954.
- DODD, C.H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge University Press, 2005.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FEWSTER, Penelope. "Bilingualism in Roman Egypt". In: ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford University Press, 2002, p. 220-245.
- FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton University Press, 1993.
- GASCOU, Jean. "Les ἀλλόφυλοι". In: *Revue des Études Grecques*, 110 (2) (1997), p. 285-294.
- GLARE P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Reprinted with corrections. Oxford: At the Claredon Press, 2015, 2v.
- HANEGRAAFF, Wouter J., *Hermetic spirituality and the historical imagination: altered states of knowledge in Late Antiquity*. Cambridge University Press, 2022.
- IVERSEN, Erik. "The Hieroglyphic Tradition". In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Claredon Press, 1971. p. 170-196.
- JOHNSON, Luke Timothy. *Among the Gentiles: Greco-Roman Religion and Christianity*. Yale University Press, 2009.
- LAMPE, G.W.H. *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: At the Claredon Press, 1961
- LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar: With Chrestomathy and Glossary – Sahidic Dialect*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2011.
- LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles; FREUND, William. *Latin Dictionary*. Founded on Andrew's Edition of Freund's Latin Dictionary. Revised, enlarged, an in great part rewritten by Charlton T. Lewis and Charles Short. Oxford: At the Claredon, 1958.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon. Revised and Augmented by Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie with the Cooperation of many scholars. With Revised Supplement*. Oxford: At the Claredon Press, 1996.
- LIRA, David Pessoa de "O bilinguismo greco-romano na tradução latina do ΑΙΓΙΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*". In: *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 31(1) (2018), p. 113-136.
- LIRA, David Pessoa de. "Eusebeia, Gnosis e Episteme: um diálogo atual entre conhecimento piedoso e ciência no *Corpus Hermeticum*". In: SCHAPER, Valério G.; WESTHILLE, Vítor; OLIVEIRA, Kathlen L. de; GROSS, Eduardo. *Deuses e Ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2010, p. 133-143.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

- LIRA, David Pessoa de. “O argumento das artes mânticas no *Corpus Hermeticum* 12.19”. In: *GRIOT*, 17 (1) (2018), p. 283-303.
- LIRA, David Pessoa de. “Ο λόγος νοético: análise da lógica proposicional e dos conceitos lógico-dialéticos no *Corpus Hermeticum* 12.12-14a”. In: *GRIOT*, 21 (2) (2021), p. 311-331.
- LIRA, David Pessoa de. “[Ο Λόγος Τέλειος em De Vita Beata de Lactânio: análise filológica do Fragmentum Hermético das Divinae Institutiones 7. 18. 4-5](#)”. In: CORTIJO OCAÑA, Antonio; MARTINES, Vicent (orgs.). *Mirabilia Journal* 34 (2022/1), p. 24-46.
- LIRA, David Pessoa de.; VIANA, L. M. Q. “Os fragmentos herméticos gregos do ΑΙΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: tradução e análise comparativa com a versão latina do *Asclepius* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39”. In: *Translatio*, 21 (2021), p. 154-169.
- LIRA, David Pessoa de. “A Influência dos Aforismos Sapienciais no Mito Cosmogônico do Τερός Λόγος Hermético”. In: *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 29 (2) (2016), p. 99-118.
- LIRA, David Pessoa de. *Grego antigo instrumental*. João Pessoa: Ideia, 2021.
- LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Introdução ao Hermetismo e ao Corpus Hermeticum*. Recife: Editora UFPE, 2015.
- LIRA, David Pessoa de. “Os Aspectos Literários do *Corpus Hermeticum*”. In: TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum Græcum*. prefácio, introdução, tradução e glossário grego-português de David Pessoa de Lira. São Paulo: Editora Cultrix, 2023, p. 79-96.
- LOI, V. “Lactânio”. In: DI BERARDINO, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 805-806.
- LOPRIENO, Antonio. *Ancient Egyptian: A Linguistic Introduction*. Cambridge University Press, 2004.
- LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2013.
- LUST, J.; EYNIKEL, E.; HAUSPIE. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. With the collaboration of G. Chamaberlain. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992. 2 pt.
- MAHÉ Jean-Pierre. « Remarques d'un latiniste sur l'Asclepius copte de Nag Hammadi ». In: *Revue des Sciences Religieuses*, tome 48, fascicule 2 (1974), p. 136-155.
- MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte 1: Les Textes Hermétiques de Nag Hammadi et Leurs Parallèles Grecs et Latins*. Québec: Presses de l' Université Laval, 1982. t. 1.
- MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte 2: Le Fragment du Discours parfait et les Définitions Hermetiques Arméniennes*. Québec: Presses de l' Université Laval, 1982. t. 2.
- MAHÉ, Jean-Pierre. « Hermes Trismegisto's ». In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*. Detroit: Thompson/ Gale, 2005, v. 6, p. 3938-3944.
- MAIRS, Rachel. “κατὰ τὸ δυνάτον: Demotic–Greek Translation in the Archive of the Theban Choachytes”. In: CROMWELL, Jennifer; GROSSMAN, Eitan (ed.). *Scribal Repertoires in Egypt from the New Kingdom to the Early Islamic Period*. Oxford University Press, 2018, p. 211-226.
- MARAVELA, Anastasia. “Greek Meets Egyptian at the Temple Gate: Bilingual Papyri from Hellenistic and Roman Egypt (Third Century BCE–Fourth Century CE)”. In: PAVLENKO, Aneta (ed.). *Multilingualism and history*. Cambridge University Press, 2023, p. 50-70.
- McLEAN, Bradley H. *Hellenistic and Biblical Greek*. nCambridge University Press, 2014.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

- MORWOOD, James; TAYLOR, John (eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford University Press, 2002.
- MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (org.). *Multilingualism in the Graeco-Roman Worlds*. Cambridge University Press, 2012.
- NOCK, Arthur Darby. *Essays on Religion and the Ancient World*. Selected and edited, with an Introduction, Bibliography of Nock's writings, and Indexes, by Zeph Stewart. Harvard University Press, 1972. 2v.
- NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. Préface et Introduction. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 2, p. 259-295.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário Greco-Português e Português-Grego*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.
- PLUMLEY, John Martin. *An Introductory Coptic Grammar (Sahidic Dialect)*. London: Home & van Thal, 1948.
- PRÉAUX, Claire. « Graeco-Roman Egypt ». In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971, p. 323-354.
- RAGON, E. *Gramática grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Poulain. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012. 331p.
- REA, John. A New Version of P. Yale Inv. 299. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 27 (1977), p. 151-156.
- REITZENSTEIN R.; SCHAEDEER, H. H. *Studien zum antiken Synkretismus aus Iran und Griechenland*. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, 1926. 355S. (Studien der Bibliothek Warburg Herausgegeben von Fritz Saxl, v. 7).
- ROCHETTE, Bruno. Un cas peu connu de traduction du grec en latin : l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 14 (2003), p. 67-96.
- ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga*: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”. São Paulo: Paulus, 2006.
- RÜGGEMEIER, Jan. “Alexandria: Hub of the Hellenistic World”. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg. *Alexandria: Hub of the Hellenistic World. with the assistance of Daniel Herrmann*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021. p. XIII-L.
- RUPPRECHT, Hans-Albert. Griechen und Ägypter – Vielfalt des Rechtslebens nach den Papyri. In: THÜR, Gerhard (Hg.). *Antike Rechtsgeschichte: Einheit und Vielfalt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005, p. 17-25.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHMID, Wilhelm. *Der Atticismus in seinen Hauptvertretern: von Dionysius von Halikarnass bis auf den zweiten Philostratus*. Hildesheim: Olms, 1964. 5 Bde.
- SCHWARTZ, Jacques. Note sur la « petite apocalypse » de l'Asclepius. In: *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 62e année n°2, Avril-juin 1982, pp. 165-169.
- SEMEIA 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre. John Joseph Collins (ed.). *Semeia*, 14, 1979.
- SHORE, A. F. “Chrisitan and Coptic Egypt”. In: HARRIS, J. R. (ed.). *The Legacy of Egypt*. Oxford: At The Clarendon Press, 1971. p. 390-433.



Antonio CORTIJO-OCANÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal* 40 (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2004.

STÖRIG, Hans Joachim. *A Aventura das Línguas: Uma História dos Idiomas do Mundo*. 6. ed. Editora Melhoramentos, 2005.

WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

WILSON, MARVIN R. *Coptic Future Tenses: Syntactical Studies in Sahidic*. The Hague; Paris: Mouton & Co. N.V., Publishers, 1970. (Janua Linguarum; Series Practica 64).